



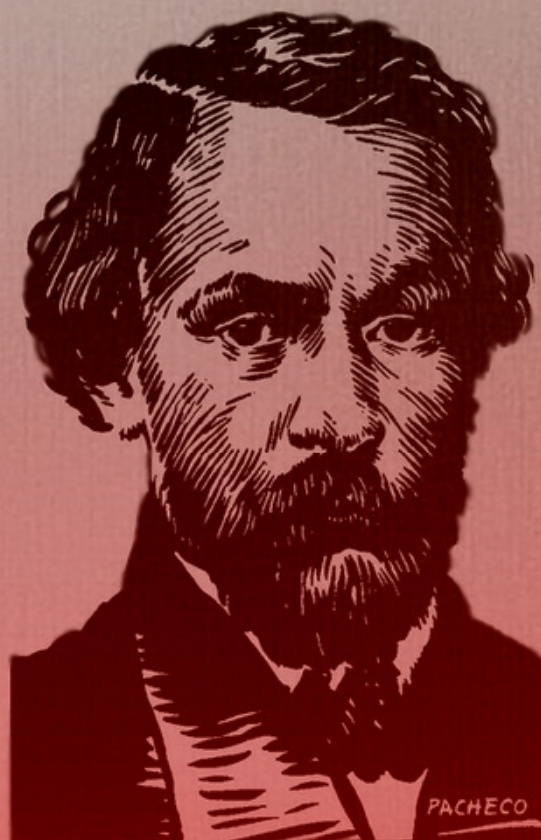
# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



## Gonçalves Dias

### *Os Timbiras*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Os Timbiras*  
Gonçalves Dias

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1848.

Livro Digital nº 134 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

**Poesia** - Literatura Brasileira.

**Antônio Gonçalves Dias**  
**(1823-1864)**

---



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

**Antônio Gonçalves Dias: o maior poeta do Brasil**

Encontramo-nos em Coimbra, onde ele ainda me deixou. Foi meu contemporâneo, meu colega e meu amigo. Não venho escrever-lhe a biografia, nem dar a relação circunstanciada das suas obras, nem citar as autoridades que dele tem faltado, elogiando-o, que isso levaria muito longe; venho desenhar-lhe o perfil, venho a largos traços, socorrendo-me mais às suas tintas do que às minhas, dar-vos as feições do homem, cujo nome ocupa hoje tão distinto lugar na literatura brasileira, e cujo infausto, quanto prematuro fim, é ainda chorado por quantos o conheceram.

Parece-me que o estou vendo, Antônio Gonçalves Dias era baixo, delgado, enérgico, vivo, franco, afoito, leal, e amigo como ele o sabia ser. Dir-se-ia que o sangue das três raças — europeia, indígena e africana, que lhe corria nas veias lhe dava cometimentos para tudo quanto era generoso. Mas triste condição do homem! quanto mais enriquecido por faculdades do espírito, ou por qualidades do coração, quanto mais privilegiado no mundo, tanto mais se queixa, tanto mais deseja, tanto mais desgraçado se julga.

Antônio Gonçalves Dias nascera nas terras de Jatobá, a 14 léguas de Caxias, na província do Maranhão a 10 de agosto de 1823. Foram seus pais José Manuel Gonçalves Dias, negociante, português de nascimento, e a mestiça Vicência Mendes Pereira, com quem ele convivia. Nem legitimidade de nascimento, nem pureza de sangue. Seu pai era solteiro, mas sua mãe vivia separada do marido, e era mameluca. Isto num país onde dominavam os preconceitos de raça, e onde o elemento servil que os alimentava só veio a encontrar o primeiro golpe na lei cristã de 28 de setembro de 1871, era o ecúleo da sua vida, era o pensamento que nas noites de insônia lhe cobria o

coração de nuvens, era a lembrança que de longe em longe vinha acordá-lo dos seus sonhos de glória.

*Por que assim choro?  
E direi eu por quê? Antes meu berço  
que vagidos d'infante vividouro,  
os sons finais dum moribundo ouvisse.*

Exclamava ele na poesia o *Templo*, que é toda um grito de angústia. Em maio de 1828 casou seu pai com a senhora Adelaide Ramos de Almeida. O pequeno Antônio, que ainda não contava seis anos, foi arrancado aos braços da que lhe fora mãe, da que o criara e o cercava de mimos, para ser levado ao seio de nova família. A natureza não conhece cores. Quem lhe supriria a mãe?

Crescera, destinavam-no à carreira comercial, e começara servindo de caixeiro na casa paterna, mas tais dotes de inteligência precoce revelou, tanto se distinguiu frequentando os estudos secundários, e tanto prometia que seu pai, demovido do primeiro propósito, projeta acompanhá-lo a Coimbra para ali seguir os estudos da Universidade. Assim o põe em prática, saindo ambos em maio de 1837 para São Luís, para dali embarcarem para Portugal. Mas o homem põe e Deus dispõe; João Manuel não tinha de voltar à pátria, onde também esperava encontrar alívio para o padecimento pulmonar que lhe minava a existência; vítima de um ataque caiu doente na capital do Maranhão, e dias depois, a 13 de junho expira nos braços do filho.

Não foi, pois, ainda desta vez que o futuro estudante viu realizados os seus sonhos; mas no ano seguinte tais foram os incitamentos de diferentes cavalheiros, que se dispunham a quotizar-se para lhe estabelecer uma mesada, se isso fora necessário e tais as boas disposições da sua madrasta, proporcionando-lhe meios, que Antônio Gonçalves Dias, em outubro de 1838 matriculava-se no colégio das Artes em Coimbra, para estudar preparatórios, e em outubro de 1840 entrava no 1º ano do curso jurídico, digno companheiro de Bruschy, de Couto Monteiro, da João de Lemos, de

Cardoso Avelino, de Bessa Correa, e de outros, que no foro, na literatura ou na política honraram os seus nomes.

Se os sonhos estavam realizados, não cessava a fortuna de persegui-lo, e tanto que por falta de meios teria voltado à pátria, antes mesmo de concluir os estudos preparatórios, se patrícios dedicados o não forçassem a aceitar a sua bolsa e a sua mesa. Anos depois, em tempo que lhe não corria mais prospero, escrevia ele a um amigo, que lhe era mais do que irmão, e dizia-lhe:

*Triste foi a minha vida em Coimbra, que é triste viver fora da pátria, subir os degraus alheios e sentar-se A mesa estranha. Essa mesa era de bons e fiéis amigos; embora! O pão era alheio, era o pão da piedade, era a sorte do mendigo. Mas ser desconhecido, ou mal conhecido, mas sentir dores d'alma e viver de tormentos como aqui, é mais triste ainda.*

Isto escrevia ele em 1845, em Caxias, quando já formado e exercendo a advocacia, ao Sr. Dr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal. Que dores lhe não lanceavam a alma para assim se expressar. Desconhecido, ou mal conhecido na pátria! No meio destas contrariedades fez-se o homem, e fez-se o erudito. Gonçalves Dias, acadêmico entre os melhores do seu curso, empregava as horas que lhe sobravam do estudo jurídico em aprender o italiano, o inglês, e até por fim o alemão, para se deleitar com as obras primas da literatura europeia.

Em todos os tempos foi Coimbra, mais que nenhuma outra, alcáçar de musas. Ali, onde Antônio Ferreira, Gabriel Pereira de Castro e Antônio Diniz da Cruz e Silva viveram; onde Sá de Miranda e Vasco Mouzinho de Quebedo estudaram; onde Francisco Rodrigues Lobo e Garção beberam inspirações; onde Luís de Camões, Garrett e Castilho suspiraram amores; onde tantos outros soltaram os seus voos, e por eles conquistaram um nome, também o distinto maranhense apareceu poeta. Dir-se-ia que aquela esplêndida natureza, e aquele suavíssimo Mondego, rasgando-lhe novos horizontes, e completando-lho na memória os do seu Brasil lhe temperaram a alma para cantar e sofrer.

Foi assim que ele se associou a João de Lemos, Augusto Lima, José Freire de Serpa, Couto Monteiro e outros que escreviam o *Trovador*, entre os quais também era quem hoje lhe paga este tributo de saudade. Se aquela coleção de versos, não conta de Gonçalves Dias senão a poesia *Inocência*, é porque o *Trovador* começou a publicar-se em 1844 — e em junho desse ano deixou ele o Mondego, mas foi em Coimbra, e foi nos picos do Gerês, onde no fim do seu 4º ano, o chamaram e detiveram negócios de família, que ele, já a esse tempo poeta primoroso, escreveu a maior parte dos versos que depois publicou no Brasil. Mais ainda, que para mais lhe chegava o tempo; foi em Coimbra que, além de outros trabalhos que inutilizou, compôs os dramas *Palkull* e *Beatriz de Cenci*, que hoje constituem o tomo 4º das *Obras Póstumas*, primeiro monumento que à memória do conterrâneo e do amigo, ergueu o Sr. Dr. Antônio Henriques Leal.

Obtivera Gonçalves Dias o grau de bacharel em direito, e saindo então de Coimbra para o Maranhão o Sr. Dr. Alexandre Teófilo com o seu curso de matemática brilhantemente concluído, quis acompanhá-lo a Lisboa para ali lhe dar o abraço de despedida. Não disse já que eram mais do que irmãos? Quis também tirar a carta de bacharel, mas achando-se sem meios para estas despesas extraordinárias, como já em outras ocasiões lhe havia acontecido, bateu às portas de usurários e só de um alcançou a quantia desejada, entregando-lhe em penhor a sua escolhida e não pequena livraria, para não a tornar a ver, porque debalde procurou depois resgatá-la. Revelemos a feição do seu orgulho ferido quando

*...com a fronte baixa,  
coberto o rosto de vergonha e tímido...*

foi bater suplicante à porta do ricaço. Recordando-o exala no *Orgulho e Avaréza* o seu despeito, e termina deste modo os seus acerados versos:

*Ah! que se eu não quebrei naquele instante*



*a minha harpa, inda então desconhecida,  
foi porque inda queria confessar-te,  
ó meu Deus — que foi grande o teu castigo;  
foi porque inda queria ao mundo inteiro  
por mor vergonha minha confessar-me  
baixo, infame e vil quando essa escada  
do avarento subi!... que não esmola,  
mas um favor pedindo!*

Estamos em janeiro de 1845, e o poeta, que já não pôde matricular-se no 5º ano do curso jurídico quando se desembaraçou dos negócios que o levaram ao Xerez, regressara a Caxias. Pátria! nome bem quisto, nome que soa tão deliciosamente aos ouvidos dos que a têm e vivem distantes! Aquele que longe de ti, com os olhos orvalhados de lágrimas seguia no pensamento o voo das andorinhas, dizia a um amigo nas vésperas de te tornar a ver:

*Vou rever a minha terra,  
esperanças dum futuro  
brilhante, meu peito encerra.  
Mas que dores lá me esperam?  
Mas que hei de lá sofrer?*

Era profeta? Parece-o. Porque Gonçalves Dias, chegando, assentara banca de advogado, e ao cabo de seis meses, por motivos que se não declaram, diz o seu biografo, retirava-se ralado de desgostos.

Foi sob a impressão destes desgostos que ele, a 31 de agosto de 1845, escrevia ao Sr. Dr. Alexandre Teófilo:

*...há horas durante a noite em que me tenho por um fraco para viver. Viver!  
Talvez não saibas; há vidas ignoradas que passam sobre a terra com mais  
ânimo do que um guerreiro em dia de batalha — há instantes tenebrosos em  
que é preciso um grande esforço de virtude para que se não ceda à vertigem,  
à atração do suicídio.*

Foi ainda sob a mesma impressão que saiu de Caxias para São Luís, e dali em julho de 1846 para o Rio de Janeiro, dizendo no *Adeus aos seus amigos*:

*...força oculta,  
irresistível, me persegue e impele.  
Qual folha instável em ventoso estio,  
do vento ao sopro a esvoaçar sem custo,  
assim vou eu sem tino, aqui pegadas  
mal firmes assentando, além pedaços  
de mim mesmo deixando...*

No Rio de Janeiro, e nesse mesmo ano, publicou os *Primeiros Cantos*. Este livro que o nosso eminente historiador saudou em Portugal foi um acontecimento no Brasil. Aos *Primeiros Cantos* seguiram-se em 1848 os *Segundos Cantos* completados com as *Sextilhas de Fr. Antão*. Os elogios repetiram-se, a América meridional escreveu em lâminas de ouro o nome de Antônio Gonçalves Dias ao lado dos de José Basílio da Gama, José de Santa Rita Durão, e de Antônio Pereira Caldas, mas a situação do poeta não melhorou, porque o produto das suas obras junto ao mesquinho ordenado de professor de latim no Liceu de Niterói, que era o mais que tinha podido obter na corte, mal lhe chegavam para dali tirar uma mesada que mandava a sua mãe, e com o restante manter-se.

Assim viveu quatro anos, até que em 1851, ano em que publicou o seu 3º tomo de poesias — *Últimos Cantos*, foi encarregado pelo Governo de percorrer as províncias do norte do Brasil para ali estudar a realidade da instrução pública, e coligir documentos valiosos para a história, e em 1852, voltando ao Rio, foi nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Chegara o galardão, posto que tardio, mas não chegou com ele a felicidade.

Creio que é Zorrilla, o eminente poeta espanhol, que diz algures:

*Se llora con el placer,  
Se llora con el pesar,*

*Con el recuerdo de ayer,  
Y mañana hay que llorar  
Si nos ama una mujer.*

Quem ler com atenção os versos *Ainda uma vez - Adeus!* nos *Novos Cantos*, e quase todos os que ele compôs no alto Amazonas, publicados no tomo 1º das *Obras Póstumas*, há de acabar por convencer-se de que houve um amor desgraçado, uma mulher, que influiu poderosamente no destino de Antônio Gonçalves Dias.

Efetivamente, houve um amor que foi a sua felicidade, a sua loucura, e a sua desgraça; uma mulher, que teve tal influência na sua vida, que desde que a conheceu foi única, e inteiro se lhe votou. Viu-a em São Luís, quando visitou as províncias do norte em 1851; não logrando tê-la por esposa, por obstáculos que sobrevieram, e que ele não soube ou não pôde vencer, fugiu-a; chegando ao Rio em 1852, para a deixar em liberdade, e esperando também esquecê-la nos braços de outra que o amava, casou com a D. Olímpia Carolina da Costa, mas o triste iludia-se, porque nele o

*...amor foi vida insana,  
um ardente anelar, cautério vivo  
posto no coração a remordê-lo.*

Iludia-se ainda quando solicitando uma comissão na Europa pôs de permeio entre ele e o objeto do seu amor o Atlântico, porque estando em Lisboa em 1854 quis a sua estrela que um dia, quando menos o esperava, a encontrasse, triste, abatida, infeliz, com os sinais das lágrimas no cavado das faces, e já ligada a outro homem. E então que na poesia — *Ainda uma vez - Adeus!* exclama:

*Pensar eu que o teu destino  
Ligado ao meu, outro fora,  
Pensar que te vejo agora,  
Por culpa minha, infeliz;  
Pensar que a tua ventura  
Deus ab eterno a fizera,*

*No meu caminho a pusera...  
E eu! eu fui que a não quis!*

*És doutro agora, e para sempre!  
Eu a mísero desterro  
Volto, chorando o meu erro,  
Quase descrendo dos céus!  
Dói-te de mim, pois me encontras  
Em tanta miséria posto,  
Que a expressão deste desgosto  
Será um crime ante Deus!*

Iludiu-se sempre, porque passaram os anos, e achando-se em 1861 nas solidões do Amazonas, entre tabas de índios, ali mesmo a sua exaltada fantasia, o seu pensamento de todas as horas, a entrevê próxima a entrar no templo, com a grinalda de flores de laranjeira na fronte, e o véu branco de noiva a ondear-lhe no rosto, e diz:

*És tu! bem vejo... não fales!  
Cala-te! já sei o que é!  
A mão vais dar, vida e fé  
A outro!... Vais te casar.  
Pálida, pálida a fronte,  
Olhos em pranto a nadar!*

*E vais! e és tu mesma? — e vais!...  
Fui eu quem te dei o exemplo...  
Sei que te aguardam no templo,  
Deixa-me aqui a chorar:  
Fazes somente o que fiz,  
Não fazes mais que imitar!*

Vida tão combatida de um afeto que tocava as raias da insensatez, tão minada de desgostos e de contrariedades domésticas, nascidas do excessivo amor, e dos ciúmes, em parte desculpáveis, da esposa, não podia ser duradoura, e ele ainda assim parece que tinha a peito abreviá-la. Há dois suicídios, o rápido, o instantâneo, que o homem

se propina no momento em que a razão desvairada se perturba para lhe não deixar ver a luz de Deus, e o calculado, o que nasce de uma ideia fixa, o que prende por um lado à vida, por outro à morte. Gonçalves Dias era bastante crente para não ceder ao primeiro, do segundo não direi o mesmo.

Regressara o poeta da Europa em 1858 para, como relator e chefe da seção etnográfica, fazer parte de uma comissão científica exploradora que se destinava ao Ceará, e para ali partiu com os seus colegas em 1859. Em fins de 1860 voltou ao Maranhão, mas pouco depois, como se os trabalhos do Ceará não bastassem, saiu para a província do Amazonas, porque empreendera explorar, mais como naturalista, do que como simples curioso, o grande rio e os seus afluentes. Seis meses se deteve nestas investigações, mal alimentado, sem o descanso e o conforto de que necessitava, vivendo entre índios, segregado de amigos, e de tudo quanto antes o atraía na sociedade, exposto a emanações deletérias; mas quando voltou ao Rio para escrever o relatório que tinha de apresentar por parte da comissão do Ceará, sentiu que tudo isto lhe alterara profundamente a saúde. Tinha afetados os pulmões e o fígado.

Quis ir morrer entre os amigos, na terra natal, porém aconselhado pelos médicos, e esperando que o clima da Europa fosse favorável ao seu restabelecimento, partiu de Pernambuco para o Havre no navio Conde a 20 de abril de 1862. Feliz viagem, que lhe deixou experimentar um dos raros prazeres que o homem pode sentir na vida — ler o seu elogio escrito por centenas de penas, ver as lágrimas que por ele se derramam, presenciar a dor que motiva a sua perda, assistir à sua apoteose. Morrera a bordo do Condé um passageiro durante a viagem, e ficando por isso o navio de quarentena no Havre, resultou divulgar-se em Pernambuco que a vítima fora Gonçalves Dias. De tão divulgada que foi não houve jornal brasileiro que não lastimasse a sua morte, muitos portugueses os acompanharam nesta manifestação de sentimento, fizeram-se ofícios fúnebres por sua alma, a dor foi geral. Entretanto o poeta vivia, julgava-se até melhor, e quando soube que o tinham por

morto escreveu de Paris em 23 de agosto ao seu amigo o Sr. Dr. Henriques Leal: — Vede como ele sopeava as suas dores.

É mentira! Não morri! nem morro, nem hei de morrer nunca mais. *Non omnis morior*— como diz o mestre Horácio. Tenho jornais do Rio, Bahia e Pernambuco, que me emprestaram, e segundo todos eles — *Mortuus est pintus* na casca! E necrológios então?

Um colega escreveu:

*Deus num acesso de amor,  
ao poeta soberano,  
deu-lhe por berço o Equador  
e por túmulo o Oceano!*

Trata-se de minha defuntíssima pessoa! O caso é que depois do infausto passamento vou passando sem maior novidade. Aconselha-me que vá para o estabelecimento hidroterápico de Maricubad. Partirei breve. No entanto, escreve-me quando não tiveres muita preguiça para qualquer das nossas legações em Paris ou Bruxelas. Desejo muito a coleção mais completa que se possa arranjar de notícias fúnebres, necrológios etc. O que se tiver publicado acerca da minha morte. Corta o que me disser respeito, escreve à margem o nome do jornal, diz o lugar da publicação e sobrescrito com tudo isso para a minha falecida pessoa. Quero fazer um álbum negro.

Nem a hidroterapia, nem os mais afamados médicos de França, de Alemanha e da Bélgica, nem o clima de Portugal a que depois se acolheu conseguiram salvá-lo. Encontrei-o em Lisboa em 1864, e o seu estado contristou-me, a afonia era já completa. Não tendo nada a esperar, e piorando cada vez mais, lembrou-se da pátria. Saiu, pois, de Paris para o Havre nos princípios de setembro do mesmo ano, e dali para o Maranhão na barca *Ville de Boulogne*. Foi a sua última viagem. Em 3 de novembro navegava a *Ville de Boulogne* na costa de Guimarães, quando de repente bate nos baixos bancos dos Atins, abre e submerge-se quase à vista de terra. Houve apenas tempo para salvar as pessoas que vinham a bordo. E Antônio Gonçalves Dias? A

respeito desse declarou o comandante que embarcara bastante doente, que havia piorado nos últimos dez dias, e que dois dias antes do naufrágio pouco acordo já dava do si; declarou mais, que, no momento em que bateu o navio, e deu sinais de submergir-se, acudiu logo o piloto à câmara para o salvar, e encontrando-o morto o deixara. Entretanto pelo inquérito a que se procedeu, parece averiguado que a tripulação, vendo o naufrágio iminente, salvara-se, deixando-o ainda vivo.

Misero! Como seria aflitiva a tua última hora! morrestes nas águas do teu Maranhão, sufocado por elas mas não tornastes a ver os que te eram caros.

O epitáfio, como se adivinhasse o teu destino, havia sido lavrado dois anos antes:

*Deus num acesso de amor,  
ao poeta soberano  
deu por berço o Equador,  
e por tumulto o Oceano!*

Depois da tua morte o Sr. Oliveira Santos lavrou-te outro nas colunas do *Publicador Maranhense*:

*Invólucro de uma alma grande e nobre,  
alguns palmos de terra eram mui pobre  
jazigo a gênio tal.  
Do Atlântico a vasta sepultura  
é mais própria decerto, e mais na altura  
do cantor imortal.*

Ofereceram-se prêmios, investigaram-se todas as praias, o teu cadáver não apareceu. Não lograste ter a sepultura na terra da pátria, mas pelo muito que lhe quiseste, e pelo monumento que lhe deixaste das tuas obras, terás outro em mármore, que recordará aos vindouros o apreço em que os maranhenses te tinham. O Brasil paga a sua dívida.

O futuro não se vê, é de Deus, mas Gonçalves Dias parece que o via; tinha pressentimentos. O receio de não morrer na pátria, e as imagens do naufrágio acudiam-lhe à mente por vezes. Nas *Saudades*, versos a sua irmã com que fecha os *Últimos Cantos*, diz:

*Ave educada nas floridas selvas  
um tufão me expeliu do pátrio ninho.  
As tardes dos meus dias borrascosos  
não terei de passar sentado à porta  
do abrigo de meus pais*

No *Meu sepulcro* (*Últimos Cantos*) compara-se ao degredado e escreve:

*...Tal no exílio  
contempla à beira mar o degredado  
devolverem-se as vagas, e saudoso  
da pátria sua — tão distante — as conta;  
uma por uma as interroga, e pensa  
qual daquelas será que o leve e atire  
náufrago embora, e semimorto às praias  
porque choram seus olhos...*

No *Adeus* aos seus amigos do Maranhão (*Primeiros Cantos*), como prevendo que não terá a satisfação de morrer entre eles, diz-lhes:

*Oh! quem me dera  
que entre vós outros me alvejasse a fronte,  
e que eu morresse entre vós...*

Na dedicatória dos *Últimos Cantos* ao seu nunca esquecido amigo o Sr. Dr. Alexandre Teófilo, alumia-o um raio de esperança, e lembrando-se do torrão natal que ele ama tanto, e em que espera acabar os últimos dias, conclui:



*Aí outra vez remoçado, e vivificado de todos os anos que desperdicei, poderei enxugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu ar tranquilo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu, afrontar as borrascas desencadeadas, no Oceano que eu houver para sempre deixado atrás de mim.*

Iludia-o a esperança. Vítima das borrascas desencadeadas, foi no Oceano que encontrou a sepultura aos 41 anos de idade.

Pouco tempo antes, vítimas do mesmo padecimento, haviam-se finado Junqueira Freire, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu. O primeiro sucumbiu no verdor da idade; Álvares de Azevedo, quando ainda não contava 21 anos; Casimiro de Abreu quando apenas contava 23. No curto espaço de 12 anos cobriu-se por quatro vezes de luto a musa brasileira!

ANTÔNIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

*Almanach de Lembranças luso-brasileiro (1873)*

*Pesquisa, transcrição e adaptação ortográfica: Iba Mendes (2019)*

# OS TIMBIRAS



## INTRODUÇÃO

Os ritos semibárbaros dos Piagas,  
Cultores de Tupã, a terra virgem  
Donde como dum trono, enfim se abriram  
Da cruz de Cristo os piedosos braços;  
As festas, e batalhas mal sangradas  
Do povo Americano, agora extinto,  
Hei de cantar na lira. – Evoco a sombra  
Do selvagem guerreiro!... Torvo o aspecto,  
Severo e quase mudo, a lentos passos,  
Caminha incerto, – o bipartido arco  
Nas mãos sustenta, e dos despídos ombros  
Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,  
Agora inúteis setas, vão mostrando  
A marcha triste e os passos mal seguros  
De quem, na terra de seus pais, embalde  
Procura asilo, e foge o humano trato.

Quem poderá, guerreiro, nos seus cantos  
A voz dos piagas teus um só momento  
Repetir; essa voz que nas montanhas  
Valente retumbava, e dentro d'alma  
Vos ia derramando arrojo e brios,  
Melhor que taças de cauim fortíssimo?!  
Outra vez a chapada e o bosque ouviram  
Dos filhos de Tupã a voz e os feitos  
Dentro do circo, onde o fatal delito  
Expia o malfadado prisioneiro,  
Que enxerga a maçã e sente a muçurana

Cingir-lhe os rins a enodoar-lhe o corpo:  
E sós de os escutar mais forte acento  
Haveriam de achar nos seus refolhos  
O monte e a selva e novamente os ecos.

Como os sons do boré, soa o meu canto  
Sagrado ao rude povo americano:  
Quem quer que a natureza estima e preza  
E gosta ouvir as empoladas vagas  
Bater gemendo as cavas penedias,  
E o negro bosque sussurrando ao longe —  
Escute-me. – Cantor modesto e humilde,  
A fronte não cingi de mirto e louro,  
Antes de verde rama engrinaldei-a,  
De agrestes flores enfeitando a lira;  
Não me assentei nos cimos do Parnaso,  
Nem vi correr a linfa da Castália.  
Cantor das selvas, entre bravas matas  
Áspero tronco da palmeira escolho.  
Unido a ele soltarei meu canto,  
Enquanto o vento nos palmares zune,  
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes:  
As lágrimas do orvalho por ventura  
Da minha lira distendendo as cordas,  
Hão de em parte ameigar e embrandecê-las.  
Talvez o lenhador quando acomete  
O tranco d'alto cedro corpulento,  
Vem-lhe tingido o fio da segure  
De puto mel, que abelhas fabricaram;  
Talvez tão bem nas folhas que engrinaldo,  
A acácia branca o seu candor derrame  
E a flor do sassafrás se estrele amiga.

## CANTO PRIMEIRO

Sentado em sítio escuso descansava  
Dos Timbiras o chefe em trono anoso,  
Itajuba, o valente, o destemido  
Acessador das feras, o guerreiro  
Fabricador das incansáveis lutas.  
Seu pai, chefe também, também Timbira,  
Chamava-se o Jaguar: dele era fama  
Que os musculosos membros repeliam  
A flecha sibilante, e que o seu crânio  
Da maça aos tesos golpes não cedia.  
Cria-se... e em que não crê o povo estulto?  
Que um velho piaga na espelunca horrenda  
Aquele encanto, inútil num cadáver,  
Tirara ao pai defunto, e ao filho vivo  
Inteiro o transmitira: é certo ao menos  
Que durante uma noite juntos foram  
O moço e o velho e o pálido cadáver.

Mas acertando um dia estar oculto  
Num denso tabocal, onde perdera  
Traços de fera, que rever cuidava,  
Seta ligeira atravessou-lhe um braço.  
Mão de inimigo traidor a disparara,  
Ou fora algum dos seus, que receoso  
Do mal causado, emudeceu prudente.

Relata o caso, irrefletido, o chefe.  
Mal crido foi! – por abonar seu dito,  
Redobra de imprudência, – mostra aos olhos  
A traiçoeira flecha, o braço e o sangue.  
A fama voa, as tribos inimigas  
Adunam-se, amotinam-se os guerreiros  
E as bocas dizem: o Timbira é morto!  
Outras emendam: Mal ferido sangra!  
Do nome do Itajuba se despega

O medo, – um só desastre venha, e logo  
Esse encanto vai prestes converter-se  
Em riso e farsa das nações vizinhas!  
Os manitós, que moram pendurados  
Nas tabas de Itajuba, que as protejam:  
O terror do seu nome já não vale,  
Já defesa não é dos seus guerreiros!

Dos Gamelas um chefe destemido,  
Cioso de alcançar renome e glória,  
Vencendo a fama, que os sertões enchia,  
Saiu primeiro a campo, armado e forte  
Guedelha e ronco dos sertões imensos,  
Guerreiros mil e mil vinham trás ele,  
Cobrando os montes e juncando as matas,  
Com pejado carcás de ervadas setas  
Tingidas de urucu, segundo a usança  
Bárbara e fera, desgarrados gritos  
Davam no meio das canções de guerra.

Chegou, e fez saber que era chegado  
O rei das selvas a propor combate  
Dos Timbiras ao chefe. – A nós só caiba,  
(Disse ele) a honra e a glória; entre nós ambos  
Decida-se a questão do esforço e brios.  
Estes, que vês, impávidos guerreiros  
São meus, que me obedecem; se me vences,  
São teus; se és o vencido, os teus me sigam:  
Aceita ou foge, que a vitória é minha.

Não fugirei, respondeu-lhe Itajuba,  
Que os homens, meus iguais, encaram fito  
O sol brilhante, e os não deslumbra o raio.

Serás, pois que me afrontas, torna o bárbaro  
Do meu valor troféu, – e da vitória,  
Que hei decerto alcançar, despojo opimo.

Nas tabas em que habito ora as mulheres  
Tecem da sapucaia as longas cordas,  
Que os pulsos teus hão de arrochar-te em breve;  
E tu vil, e tu preso, e tu coberto  
De escárnio de irrisão! – Cheio de glória,  
Além dos Andes voará meu nome!

O filho de Jaguar sorriu-se a furto:  
Assim o pai sorri ao filho imberbe,  
Que, desprezado o arco seu pequeno,  
Talhado para aquelas mãos sem forças,  
Tenta doutro maior curvar as pontas,  
Que vezes três o mede em toda altura!

Travaram luta fera os dois guerreiros,  
Primeiro ambos de longe as setas vibram,  
Amigos manitôs, que ambos protegem,  
Nos ares as desgarram. Do Gamela  
Entrou a fecha trêmula num tronco  
E só parou no cerne, a do Timbira,  
Ciciando veloz, fugiu mais longe,  
Roçando apenas os frondosos cimos  
Encontraram-se valentes: braço a braço,  
Alentando açodados, peito a peito,  
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe  
Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Cena vistosa! quadro aparatoso!  
Guerreiros velhos, à vitória afeitos,  
Tamanhos campeões vendo na arena,  
E a luta horrível e o combate aceso,  
Mudos quedaram de terror transidos.  
Qual daqueles heróis há de primeiro  
Sentir o egrégio esforço abandoná-lo  
Perguntam; mas não há quem lhes responda.

São ambos fortes: o Timbira ardido,

Esbelto como o tronco da palmeira,  
Flexível como a flecha bem talhada,  
Ostenta-se robusto o rei das selvas;  
Seu corpo musculoso, imenso e forte  
É como rocha enorme, que desaba  
De serra altiva, e cai no vale inteira  
Não vale humana força desprendê-la  
Dali, onde ela está: fugaz corisco  
Bate-lhe a calva fronte sem parti-la.

Separam-se os guerreiros um do outro,  
Foi dum o pensamento, – a ação foi de ambos.  
Ambos arquejam, descoberto o peito  
Arfa, estua, eleva-se, comprime-se  
E o ar em ondas sôfregos respiram  
Cada qual, mais pasmado que medroso  
Se estranha a força que no outro encontra,  
A mal cuidada resistência o irrita.  
Itajuba! Itajuba! – os seus exclamam  
Guerreiro, tal como ele, se descora  
Um só momento, é dar-se por vencido  
O filho de Jaguar voltou-se rápido  
Donde essa voz partiu? quem no aguilhoa?  
Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto  
E os olhos cor de sangue irados pulam

A tua vida a minha glória insulta!  
Grita ao rival, e já demais viveste.  
Disse, e como o condor, descendo a prumo  
Dos astros, sobre o lhama descuidoso  
Pávido o prende nas torcidas garras,  
E sobe audaz onde não chega o raio...  
Voa Itajuba sobre o rei das selvas,  
Cinge-o nos braços, contra si o aperta  
Com força incrível: o colosso verga,  
Inclina-se, desaba, cai de chofre,  
E o pó levanta e atroa forte os ecos.

Assim cai na floresta um tronco anoso,  
E o som da queda se propaga ao longe!

O fero vencedor um pé alçando,  
Morre! – lhe brada – e o nome teu contigo!  
O pé desceu, batendo a arca do peito  
Do exânime vencido: os olhos turvos,  
Levou, a extrema vez, o desditoso  
Àqueles céus de azul, àquelas matas,  
Doce cobertas de verdura e flores!

Depois, erguendo o esquálido cadáver  
Sobre a cabeça, horrivelmente belo,  
Aos seus o mostra ensanguentado e torpe;  
Então por vezes três o horrendo grito  
Do triunfo soltou; e os seus três vezes  
O mesmo grito em coro repetiram  
Aquela massa enfim cõa nos ares;  
Porém na destra do feliz guerreiro  
Dividem-se entre os dedos as melenas,  
De cujo crânio marejava o sangue!

Transbordando ufanía do sucesso  
Inda recente, recordava as fases  
Orgulhos o guerreiro! Ainda escuta  
A dura voz, inda a figura avista  
Desse, que ousou atravessar-lhe as sanhas:  
Lembra-se! e da lembrança grato enlevo  
Lhe cõa n' alma em fogo: longos olhos  
Enquanto assim medita, vai levando  
Por onde o rio, em tortuosos giros,  
Queixoso lambe as empedradas margens.  
Assim o jugo seu não escorjassem  
Tredos Gamelas com a noturna fuga!  
Pérfidos! o herói jurou vingar-se!  
Tremei! que há de o valente debelar-vos!  
E enquanto segue o céu, e o rio, e as selvas,



Crescem-lhe brios, força, – alteia o colo,  
Fita orgulhos a terra, onde não acha,  
Nem crê achar quem lhe resista; eis nisto  
Reconhece um dos seus, que pressuroso  
Corre a encontrá-lo, – rápido caminha;  
Porém de instante a instante, de enfiado  
Volta o pávido rosto, onde se pinta  
O susto vil, que denuncia o fraco.

– Ó filho de Jaguar – de longe brada,  
Neste aperto nos vale, – ei-los se avançam  
Pujantes contra nós, tão bastos, tantos,  
Como enredados troncos na floresta.

Tu sempre tremes, Jurucei, tornou-lhe  
Com voz tranquila e majestosa o chefe.  
O mel, que em falas sem cessar distilas,  
Tolhe-te o esforço e te enfraquece a vista:  
Amigos são talvez, amigas tribos,  
Algum chefe, que tem conosco as armas,  
Em sinal de aliança, espedaçado:  
Vem talvez festejar o meu triunfo,  
E os seus cantores celebrar meu nome.

Não! não! ouvi o som triste e sonoro  
Das igaras, rompendo a custo as águas  
Dos remos manejados a compasso,  
E os sons guerreiros do boré, e os cantos  
Do combate; parece, de irritado,  
Tão grande peso agora a flor lhe corta,  
Que o rio vai sorver as altas margens.

E são Gamelas? – perguntou-lhe o chefe.  
Vi-os, tornou-lhe Jurucei, – são eles!  
O chefe dos Timbiras dentro d'alma  
Sentiu ódio e vingança remordê-lo.  
Rugiu a tempestade, mas lá dentro,

Cá fora retumbou, mas quase extinta.  
Começa então com voz cavada e surda.

Irás tu, Jurucei, por mim dizer-lhes:  
Itajuba, o valente, o rei da guerra,  
Fabricador das incansáveis lutas,  
Enquanto a maçã não sopesa enquanto  
Dormem-lhe as setas no carcás imóveis,  
Oferece-vos aliança e paz; – não ama,  
Tigre repleto, espedaçar mais presas,  
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.  
Três grandes Tabas, onde heróis pululam,  
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,  
Caídas a seus pés, a voz lhe escutam.  
Vós outros, atendei, – cortai nas matas  
Troncos robustos e frondosas palmas,  
E construí cabanas, – onde o corpo  
Caiu do rei das selvas, – onde o sangue  
Daquele herói, vossa perfídia atesta.  
Aquela briga enfim de dois, tamanhos,  
Sinalai; por que estranho caminheiro,  
Amigas vendo e juntas nossas tabas,  
E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem:  
Vejo um povo de heróis e um grande chefe!

Disse: e vingando o cimo do alto monte,  
Que em roda largo espaço dominava,  
O atroador membi soprou com força.  
O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,  
Convertem-se em guerreiros.– mais depressa,  
Quando soa o clarim, núncio de guerra,  
Não sopra, e escava a terra, e o ar divide  
Com as crinas flutuantes, o ginete,  
Impávido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,  
Galgando vales, combros, serranias,

Coalhando o ar e o céu de feios gritos.  
E folga, por que os vê correr tão prestes  
Aos sons do cavo búzio conhecido,  
Já tantas vezes repetidos antes  
Por vales e por serras; já não pode  
Numerá-los, de tantos que se apinham;  
Mas vendo-os, reconhece o vulto e as armas  
Dos seus: Tupã sorri-se lá dos astros,  
– Diz o chefe entre si, – lá, descuidosos  
Das folganças de Ibaque, heróis timbiras  
Contemplam-me, das nuvens debruçados:  
E por ventura de lhes ser eu filho  
Enlevam-se, e repetem, não sem glória,  
Os seus cantores de Itajuba o nome.

Vem primeiro Jucá de fero aspecto.  
Duma onça bicolor cai-lhe na fronte  
A pele vistosa, sob as hirtas cerdas,  
Como sorrindo, alvejam brancos dentes,  
E nas vazias órbitas lampejam  
Dois olhos, fulvos, maus. – No bosque, um dia,  
A traiçoeira fera a cauda enrosca  
E mira nele o pulo; do tacape  
Jucá desprende o golpe, e furta o corpo;  
Onde estavam seus pés, as duras garras  
Encravavam-se enganadas, e onde as garras  
Morderam, beija a terra a fera exangue  
E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,  
Ita-roca indomável, – Catucaba,  
Primeiro sempre no combate, – o forte  
Juçurana, – Poti ligeiro e destro,  
O tardo Japeguá, – o sempre aflito  
Piaíba, que espíritos perseguem:  
Mojacá, Mopereba, irmãos nas armas,  
Sempre unidos, ninguém não foi como eles!

Lagos de sangue derramaram juntos;  
Filhos e pais e mães de inimigas tabas  
Odeiam-nos chorando, e a glória de ambos,  
Assim chorada, mais e mais se exalta:  
Samotim, Pirajá, e outros infindos,  
Heróis também, aos quais faltou somente  
Nação menor, menos guerreira tribo.

Japi, o atirador, quando escutava  
Os sons guerreiros do membi troante,  
Na tesa corda flecha embebe inteira,  
E mira um javali que os alvos dentes,  
Navalhados, remove: para, escuta...  
Volvem-lhe os mesmos sons: Bate-lhe o peito  
Os olhos pulam, – solta horrendo grito,  
Arranca e roça a fera!... a fera atônita,  
Aterrada, transida, treme, erriça  
As duras cerdas; tiritante, pávida,  
Esgazeando os olhos fascinados,  
Recua: um tronco só lhe embarga os passos.  
Por longo trato, de si mesma alheia,  
Demora-se, lembrada: a custo o sangue  
Volve de novo ao costumado giro,  
Em quando o vulto horrendo se recorda!

Mas onde está Jatir? – pergunta o chefe,  
Que de balde o procura entre os que o cercam:  
Jatir, dos olhos negros, que me luzem,  
Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma;  
Jatir, que aos chefes todos anteponho,  
Cuja bravura e temerário arrojo  
Folgo em reger e moderar nos prélios;  
Esse, por que não vem, quando vos vindes?

– Corre Jatir no bosque, diz um chefe  
Bem sabes como: acinte se desgarra  
Dos nossos, – anda só, talvez sem armas,

Talvez bem longe: acordo nele é certo,  
Creio, de nos tachar assim de fracos! –  
Pais de Jatir, Ogib, entrara em anos;  
Grosseiro cedro mal lhe afirma os passos,  
Os olhos pouco veem; mas de conselho  
Valioso e prestante. Ali, mil vezes,  
Havia com prudência temperado  
O juvenil ardor dos seus, que o ouviam.  
Alheio agora da prudência, escuta  
A voz que o filho amado lhe crimina.  
Sopra-lhe o dizer acre a cinza quente,  
Viva, acesa, antes brasa, – o amor paterno:  
Amor inda tão forte na velhice,  
Como no dia venturoso, quando  
Cendi, que os olhos seus só viram bela,  
Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,  
Carinhosa lho deu; quando na rede  
Ouvia com prazer as ledas vozes  
Dos companheiros seus, – e quando absorto,  
Olhos pregados no gentil menino,  
Bem longas horas, sim, porém bem doces  
Levou cismando aventuradas sinas.  
Ali o tinha, ali meigo e risonho  
Aqueles tenros braços levantava;  
Aqueles olhos límpidos se abriam  
À luz da vida: cândido sorriso,  
Como o sorrir da flor no romper d'alva,  
Radiava-lhe o rosto: quem julgara,  
Quem poderá aventar, supor ao menos  
Haverem de apertar-se aqueles braços  
Tão mimosos, um dia, contra o peito  
Arquejante e cansado, – e aqueles olhos  
Verterem pranto amargo em soledade?  
Incrível! – porém lágrimas cresceram-lhe  
Dos olhos, – lá tombou-lhe uma, das faces  
No filho, em cujo rosto um beijo a enxuga.

Agora, Ogib, alheio da prudência,  
Que ensina, imputações tão más ouvindo  
Contra o filho querido, acre responde.

São torpes os anuns que em bandos folgam,  
São maus os caititus, que em varas pascem,  
Somente o sabiá geme sozinho,  
E sozinho o Condor aos céus remonta.  
Folga Jatir de só viver consigo:  
Em bem, que tens agora que dizer-lhe?  
Esmaga o seu tacape a quem vos prende,  
A quem vos dana, afoga entre os seus braços,  
E em quem vos acomete, emprega as setas.  
Fraco! não temes já que te não falte  
O primeiro entre vós, Jatir, meu filho?

Despeitoso Itajuba, ouvindo um nome.  
Embora o de Jatir, apregoadado  
Melhor, maior que o seu, a testa enruga  
E diz severo aos dois que inda argumentam

Mais respeito, mancebo, ao sábio velho,  
Que éramos nós crianças, manejala  
A seta e o arco em defesa dos nossos.  
Tu, velho, mais prudência. Entre nós todos  
O primeiro sou eu: Jatir, teu filho,  
E forte e bravo; porém novo. Eu mesmo  
Gabo-lhe o porte e a gentileza; e aos feitos  
Novéis aplaudo: bem maneja o arco,  
Vibra certa a flecha; mas... (sorrindo  
Prossegue) afora dele inda há quem saiba  
Mover tão bem as armas, e nos braços  
Robustos, afogar fortes guerreiros.  
Jatir virá, senão... serei convosco.  
(Disse voltado para os seus, que o cercam)  
E bem sabeis que vos não falto eu nunca.

Altercam eles nas ruidosas tabas,  
Enquanto Jurucei com pé ligeiro  
Caminha: as aves docemente atitam,  
De ramo em ramo – docemente o bosque  
À medo rumoreja, – à medo o rio  
Escoa-se e murmura: um burburinho,  
Confuso se propaga, – um rio incerto  
Dilata-se do sol dourando o ocaso.  
Último som que morre, último raio  
De luz, que treme incerta, quantos entes  
Oh! hão de ver a luz de novo  
E o romper d'alva, e os céus, e a natureza  
Risonha e fresca, – e os sons, e os ledos cantos  
Ouvir das aves tímidas no bosque  
Outra vez ao surgir da nova aurora?!

## CANTO SEGUNDO

Desdobra-se da noite o manto escuro:  
Leve brisa sutil pela floresta  
Enreda-se e murmura, – amplo silêncio  
Reina por fim. Nem saberás tu como  
Essa imagem da morte é triste e torva.  
Se nunca, a sós contigo, a pressentisse  
Longe deste zunir da turba inquieta.  
No ermo, sim; procura o ermo e as selvas...  
Escuta o som final, o extremo alento,  
Que exala em fins do dia a natureza!  
O pensamento, que incessante voa,  
Vai do som à mudez, da luz às sombras  
E da terra sem flor, ao céu sem astro.  
Semelha a fraca luz, que inda vacila  
Quando, em ledos sarau, o extremo acorde  
No deserto salão geme, e se apaga!  
  
Era pujante o chefe dos Timbiras,

Sem conto seus guerreiros, três as tabas,  
Opimas, – uma e uma derramadas  
Em giro, como dança dos guerreiros.  
Quem não folgara de as achar nas matas!  
Três flores em três hastes diferentes  
Num mesmo tronco, – três irmãs formosas  
Por um laço de amor ali prendidas  
No ermo; mas vivendo aventuradas?  
Deu-lhes assento o herói entre dois montes,  
Em chã copada de frondosos bosques.  
Ali o cajazeiro as perfumava,  
O cajueiro, na estação das flores,  
De vivo sangue marchetava as folhas?  
As mangas, curvas à feição de um arco,  
Beijavam-lhes o teto; a sapucaia  
Lambia a terra, – em graciosos laços  
Doces maracujás de espessas ramas  
Sorriam-se pendentes; o pau-d’arco  
Fabricava um dossel de cróceas flores,  
E as parasitas de matiz brilhante  
A úsnea das palmeiras estrelavam!

Quadro risonho e grande, em que não fosse  
Em granito eu em mármore talhado!  
Nem palácios, nem torres avistaras,  
Nem castelos que os anos vão comento,  
Nem grimpas, nem zimbórios, nem feituas  
Em pedra, que os humanos tanto exaltam!  
Rudes palhoças só! que mais carece  
Quem há de ter somente um sol de vida,  
Jazendo negro pó antes do ocaso?  
Que mais? Tão bem a dor há de sentar-se  
E a morte revoar tão solta em gritos  
Ali, como nos átrios dos senhores.  
Tão bem a compaixão há de cobrir-se  
De dó, limpando as lágrimas do aflito.  
Incerteza voraz, tímida esperança,



Desejo, inquietação também lá moram;  
Que sobra pois em nós, que falta neles?

De Itajuba separam-se os guerreiros;  
Mudos, às portas das sombrias tabas,  
Imóveis, nem que fossem duros troncos,  
Pensativos meditam: Já da guerra  
Nada receiam, que Itajuba os manda?  
O encanto, os manitôs inda o protege,  
Vela tupã sobre ele, e os santos piagas  
Comprida série de floridas quadras  
Ver lhe asseguram: nem de há pouco a luta,  
Melhor dissertas de renome ensejo,  
Os desmentiu, que nunca os piagas mentem.  
Medo, certo, não têm; são todos bravos!  
Por que meditam pois? Também não sabem!

Sai o piaga no entanto da caverna,  
Que nunca humanos olhos penetraram  
Com ligeiro sendal os rins aperta,  
Cocar de escuras plumas se debruça  
Da frente, em que se enxerga em fundas rugas  
O tenaz pensamento afigurado.  
Cercam-lhe os pulsos cascavéis loquazes,  
Respondem outros, no tripúdio sacro  
Dos pés. Vem majestoso, e grave, e cheio  
Do Deus, que o peito seu, tão fraco, habita.  
E enquanto o fumo lhe volteia em torno,  
Como neblina em torno ao sol que nasce,  
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,  
Solta do sacro rito os sons cadentes.

\*\*\*

Visita-nos Tupã, quando dormimos,  
É só por seu querer que estão sonhamos,  
Escute-me Tupã! Sobre vós outros,

Poder do maracá por mim tangido,  
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce.

O poder de Anhangá cresce com a noite;  
Solta de noite o mau seus maus ministros:  
    Caraiibes na floresta acendem  
    A falsa luz, que o caçador transvia.  
    Caraiibes enganosas formas  
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.  
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,  
    De vós se partam; mas Tupã vos olhe,  
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

O sonho e a vida são dois galhos gêmeos;  
São dois irmãos quer um laço amigo aperta:  
    A noite é o laço; mas Tupã é o troco  
    E a seve e o sagui que circula em ambos.  
    Vive melhor que da existência ignaro,  
    Na paz da noite, novas forças cria.  
    O louco vive com aferro, enquanto  
N'alma lhe ondeiam do delírio as sombras,  
De vida espúrias; Deus porém lhas rompe  
    E na loucura do porvir no fala!  
Tupã vos olhe, e sobre vós do Ibaque  
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce!

Assim cantava o piaga merencório,  
Tangia o maracá, dançava em roda  
Dos guerreiros: poderá ouvido atento  
    Os sons finais da lúgubre toada  
    Na plácida mudez da noite amiga  
De longe, em coro ouvir? Sobre nós outros  
Os sons desçam, quando o orvalho desce.

Calou-se o piaga, já descansam todos!  
Almo Tupã os comunique em sonhos,  
E os que sabem tão bem vencer batalhas

Quando acordados malbaratam golpes  
Saibam dormidos figurar triunfos!

Mas que medita o chefe dos Timbiras?  
Bosqueja porventura ardis de guerra,  
Fabrica e enreda as ásperas ciladas,  
E a olhos nus do pensamento enxerga  
Desfeita em sangue revolver-se em gritos  
Morte pávida e má?! ou sente e avista,  
Escandecida a mente, o Deus da guerra  
Impávido Aresqui, sanhudo e forte,  
Calcar aos pés cadáveres sem conto,  
Na destra ingente sacudindo a maça,  
Donde certa como o raio, desce  
A morte, e banha-se orgulhosa – em sangue?

Tal sente o bravo; outro pensar o ocupa!  
Nem Aresqui, nem sangue se lhe antolha,  
Nem resolve consigo ardis de guerra,  
Nem combates, nem lágrimas medita:  
Sentiu calar-lhe n' alma em sentimento  
Gelado e mudo, como o véu da noite.  
Jatir, dos olhos negros, onde para?  
Que faz que lida: ou que fortuna corre?  
Três sóis já são passados: quanto espaço,  
Quanto azar não correu nos amplos bosques  
O impróvido mancebo aventureiro?  
Ali na relva a cascavel se esconde,  
Ali, das ramas debruçado, o tigre  
Aferra traiçoeiro a presa incauta!  
Reserve-lhe Tupã mais fama e glória,  
E voz amiga de cantor suave  
Com os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso  
Tronco rude-lavrado se recosta?  
Não tem poder a noite em seus sentidos,

Que a mesma ideia de contínuo volvem.  
Vela e treme nos tetos da cabana  
A baça luz das resinosas tochas,  
Acres perfumes recendendo; – alastram  
De rubis cor de brasa a flor do rio!

Ouvira com prazer um triste canto,  
Diz lá consigo; um canto merencório.  
Que este presságio fúnebre espancasse.  
Bem sinto um não se que aferventar-se-me  
Nos olhos, que vai prestes expandir-se:  
Não sei chorar, bem sei; mas fora grato,  
Talvez bem grato! à noite, e a sós comigo  
Sentir macias lágrimas correndo.  
O talo agreste de um cipó em graça  
Verte compridas lágrimas cortado  
O tronco do cajá desfaz-se em goma,  
Suspira o vento, o passarinho canta,  
O homem cora! eu só, mais desditoso,  
Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,  
E quem, feliz, de lágrimas se paga.

Longo espaço depois falou consigo,  
Mudo e sombrio: Sabiá das matas,  
Croá (diz ele ao filho de Iandiroba)  
As mais canoras aves, as mais tristes  
No bosque, a suspirar contigo aprendam.  
Canta, pois que trocara de bom grado  
Os altos feitos pelos doces carmes  
Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba.

Emudeceu: na taba quase escura,  
Com pé alterno a dança vagarosa,  
Aos sons do maracá, traçava os passos.

Flor de beleza, luz de amor, Coema,  
Murmurava o cantor, onde te foste,

Tão doce e bela, quanto o sol raiava?  
Coema, quanto amor que nos deixaste?  
Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,  
Tão macios teus olhos! teus acentos  
Cantar perene, tua voz gorjeios  
Ruas palavras mel! O romper d'alva,  
Se encantos punha a par dos teus encantos  
Tentava embalde pleitear contigo!  
Não tinha a ema porte mais soberbo,  
Nem com mais graça recurvava o colo!  
Coema, luz de amor, onde te foste?

Amava-te o melhor, o mais guerreiro  
Dentre nós? elegeu-te companheira,  
A ti somente, que só tu achavas  
Sorriso e graça na presença dele  
Flor, que nasceste no musgoso cedro,  
Cobravas páreas de abundante seiva,  
Tinhas abrigo e proteção das ramas...  
Que vendaval te despegou do tronco,  
E ao longe, em pó, te esperdiçou no vale?  
Coema, luz de amor, flor de beleza,  
Onde te foste, quando o sol raiava?

Anhangá rebocou estreita igara  
Contra a corrente: Orapacém vem nela,  
Orapacém, Tupinambá famoso  
Conta prodígios duma raça estranha,  
Tão alva como o dia, quando nasce,  
Ou como a areia cândida e luzente,  
Que as águas dum regato sempre lavam.  
Raça, a quem os raios prontos servem,  
E o trovão e o relâmpago acompanham  
Já de Orapacém os mais guerreiros  
Mordem o pó, e as tabas feitas cinza  
Clamam vingança em vão contra os estranhos.  
Talvez doutros estranhos perseguidos,

Em punição talvez de atroz delito.  
Orapacém, fugindo, brada sempre:  
Mair! Mair! Tupã! – Terror que mostra,  
Brados que solta, e as derrocadas tabas,  
Desde Tapuitapera alto proclamam  
Do vencedor a indômita pujança.  
Ai! não viesse nunca as nossas tabas  
O tapuia mendaz, que os bravos feitos  
Narrava do Mair; nunca os ouviras,  
Flor de beleza, luz de amor, Coema!

A cega desventura, nunca ouvida,  
Nos move à compaixão: prestes corremos  
Com ledo gasalhado a restaurá-los  
Da vil dureza do seu fado: dormem  
Nas nossas redes diligentes vamos  
Colher-lhes frutos, – descansados folgam  
Nas nossas tabas? Itajuba mesmo  
Oferece abrigo ao palrador tapuia!  
Hóspedes são, nos diz; Tupã os manda:  
Os filhos de tupã serão bem vindos,  
Onde Itajuba impera! – Ao que não eram,  
Nem filhos de Tupã, nem gratos hóspedes  
Os vis que o rio, a custo, nos trouxera;  
Antes dolosa resfriada serpe  
Que ao nosso lar criou vida e peçonha.  
Quem nunca os vira! porém tu, Coema,  
Leda avezinha, que adejavas livre,  
Asas da cor da prata ao sol abrindo,  
A serpente cruel porque fitaste,  
Se já do olhado mau sentias pejo?!

Ouvimos, uma vez, da noite em meio,  
Voz de aflita mulher pedir socorro  
E em tom sumido lastimar-se ao longe.  
Opacém! – bradou feroz três vezes  
O filho de Jaguar: clamou de balde.

Somente acode o eco à voz irada,  
Quando ele o malfeitor no instinto enxerga.  
Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,  
E tenta com afã chegar ao termo,  
Donde as querelas míseras partiam.  
Chegou – já tarde! – nós, mais tardos inda,  
Assistimos ao súbito espetáculo!

Queimam-se raros fogos nas desertas  
Margens do rio, quase imerso em trevas:  
Afadigados no labor noturno,  
Os traiçoeiros hóspedes caminham,  
Pejando à pressa as côncavas igaras.  
Longe, Coema, a doce flor dos bosques,  
Com voz de embrandecer duros penhascos,  
Suplica e roja em vão aos pés do fero,  
Caviloso tapuia! Não resiste  
Ao fogo da paixão, que dentro lavra,  
O bárbaro, que a viu, que a vê tão bela!

Vai arrastá-la, – quando sente uns passos  
Rápidos, breves, – volta-se: – Itajuba!  
Grita; e os seus, medrosos, receando  
A perigosa luz, os fogos matam.  
Mas, no extremo clarão que eles soltaram,  
Viu-se Itajuba com seu arco em punho,  
Calculando a distância, a força e o tiro:  
Era grande a distância, a força imensa...

E a raiva incrível, continua o chefe,  
A antiga cicatriz sentindo abrir-se!  
Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,  
E a frecha vil caiu-me sãos pés sem força.  
E assim dizendo nos cerrados punhos  
De novo pensativo a fronte oprime.

Sim, tornava o Cantor, imenso e forte

Devera o arco ser, que entre nós todos  
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,  
Quando Jaguar morreu! – partiu-se o arco!  
Depois ouviu-se um grito, após ruído,  
Que as águas fazem no tombar de um corpo;  
Depois – silêncio e trevas...

– Nessas trevas,  
Replicava Itajuba, – inteira a noite,  
Louco vaguei, corri de encontro as rochas,  
Meu corpo lacerei nos espinheiros,  
Mordi sem tino a terra já cansado:  
Soluçavam porém meus frouxos lábios  
O nome dela tão querido, e o nome...  
Aos vis Tupinambás nunca os eu veja,  
Ou morra, antes de mim, meu nome e glória  
Se os não hei de punir ao recordar-me  
A aurora infausta que me trouxe aos olhos  
O cadáver... Parou, que a estreita gorja  
Recusa aos cavos sons prestar acento.

Descansa agora o pálido cadáver,  
Continua o cantor junto à corrente  
Do regato, que volve areias de ouro.  
Ali agrestes flores lhe matizão  
O modesto sepulcro, – aves canoras  
Descantam tristes nênicas ao compasso  
Das águas, que também nênicam soluçam

Suspirada Coema, em paz descansa  
No teu florido e fúnebre jazigo;  
Mas quando a noite dominar no espaço,  
Quando a lua coar úmidos raios  
Por entre as densas, buliçosas ramas,  
Da cândida neblina veste as formas,  
E vem no bosque suspirar com a brisa:  
Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,



E à virgem, que adormece, amor inspira.

Calou-se o maracá rugiu de novo  
A extrema vez, e jaz emudecido.  
Mas no remanso do silêncio e trevas,  
Como débil vagido, escutarias  
Queixosa voz, que repetia em sonhos:  
Veste, Coema, as formas da neblina,  
Ou vem nos raios trêmulos da lua  
Cantar, viver e suspirar comigo.

\*\*\*

Ogib, o velho pai do aventureiro  
Jatir, não dorme nos vazios tetos:  
Do filho ausente prendem-no cuidados;  
Vela cansado e triste o pai coitado,  
Lembrando-se desastres que passaram  
Impróvidos, no bosque pernoitando.  
E vela, – e a mente aflita mais se enluta,  
Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem!

Já tarde, sente uns passos apressados,  
Medindo a taba escura; o velho treme,  
Estende a mão convulsa, e roça um corpo  
Molhado e tiritante: a voz lhe falta...  
Atende largo espaço, até que escuta  
A voz do sempre aflito Piaíba,  
Ao pé do fogo extinto lastimar-se.

O louco Piaíba, a noite inteira,  
Andou nas matas; miserando sofre;  
O corpo tem aberto em fundas chagas,  
E o orvalho gotejou fogo sobre elas;  
Como o verme na fruta, um Deus maligno  
Lhe mora na cabeça, oh! quanto sofre!

Enquanto o velho Ogib está dormindo,  
Vou-me aquecer;  
O fogo é bom, o fogo aquece muito;  
Tira o sofrer.  
Enquanto o velho dorme, não me expulsa  
De ao pé do lar;  
Dou-lhe a mensagem, que me deu a morte,  
Quando acordar!  
Eu via a morte: vi-a bem de perto  
Em hora má!  
Vi-a de perto, não me quis consigo,  
Por ser tão má.  
Só não tem coração, dizem os velhos,  
E é bem de ver;  
Que, se o tivera, me daria a morte,  
Que é meu querer.  
Não quis matar-me; mas é bem formosa;  
Eu vi-a bem:  
É como a virgem, que não tem amores,  
Nem ódios tem..  
O fogo é bom, o fogo aquece muito,  
Quero-lhe bem!

Remexe, assim dizendo, as frias cinzas  
E mais e mais conchega-se o borrarho.  
O velho entanto, erguido a meio corpo  
Na rede, escuta pávido, e tiritado  
De frio e medo, – quase igual delírio  
Castiga-lhe as ideias transtornadas.

Já me não lembra o que me disse a morte!...  
Ah! sim, já sei!  
– Junto ao sepulcro da fiel Coema,  
Ali serei:  
Ogib emprazo, que a falar me venha  
Ao anoitecer! –  
O velho Ogib há de ficar contente

Com o meu dizer;  
Talvez que o velho, que viveu já muito,  
Queira morrer!

Emudeceu: ao fim tornou mais brando.

Mas dizem que a morte procura mancebos,  
Porém tal não é:  
Que colhe as florinhas abertas de fresco  
E os frutos no pé?!...  
Não, não, que só ama sem folha as flores,  
E sem perfeição;  
E os frutos perdidos, que apanha golosa,  
Caídos no chão.  
Também me não lembra que tempo hei vivido,  
Nem por que razão  
Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,  
Tão sem compaixão.

As ânsias não vencendo, que o soçobram  
Salta da curva rede Ogib aflito;  
Trêmulo as trevas apalpando, topa,  
E roja miserando aos pés do louco.

– Oh! dize-me, se a viste, e se em tua alma  
Algum sentir humano inda se aninha,  
Jatir, que é feito dele? Disse a morte  
Haver-me cobiçado o moço imberbe,  
A cara luz dos meus cansados olhos:  
Oh dize-o! Assim o espírito inimigo  
Folgados anos respirar te deixe!

O louco ouviu nas trevas os soluços  
Do velho, mas seus olhos nada alcançam:  
Pasma, e de novo o seu cantar começa:  
Enquanto o velho dorme, não me expulsa  
De ao pé do lar.

– Mas expulsei-te eu nunca?  
Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,  
Em ânsias de transido desespero.  
Bem sei que um Deus te mora dentro d'alma;  
E nunca houvera Ogib de espancar-te  
Do lar, onde Tupã é venerado.  
Mas fala! oh! fala, uma só vez repete-o:  
Vagaste à noite nas sombrias matas...

Silêncio! brada o louco, não escutas?!  
E para, como ouvindo uns sons longínquos.  
Depois prossegue: Piaíba o louco  
Errou de noite nas sombrias matas;  
O corpo tem aberto em fundas chagas,  
E o orvalho gotejou fogo sobre elas.  
Geme e sofre e sente fome e frio,  
Nem há quem de seus males se condoa.  
Oh! tenho frio! o fogo é bom, e aquece,  
Quero-lhe bem!

– Tupã, que tudo podes,  
Orava Ogib em lágrimas desfeito,  
A vida inútil do cansado velho  
Toma, se a queres; mas que eu veja em vida  
Meu filho, só depois me colha a morte!

### CANTO TERCEIRO

Era a hora em que a flor balança o cálix  
Aos doces beijos da serena brisa,  
Quando a ema soberba alteia o colo,  
Roçando apenas o matiz relvoso;  
Quando o sol em dourando os altos montes,  
E as ledas aves à porfia trinam,  
E a verde coma dos frondosos cerros

Quando a corrente meio oculta soa  
De sob o denso véu da parda névoa;  
Quando nos panos das mais brancas nuvens  
Desenha a aurora melindrosos quadros  
Gentis orlados com listões de fogo;  
Quando o vivo carmim do esbelto cacto  
Refulge a medo abrilhantado esmalte,  
Doce poeira da aljofradas gotas,  
Ou pó sutil de pérolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,  
Era o nascer do sol, libando as meigas,  
Risonhas faces da luzente aurora!  
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,  
Uma só coisa e muitas, – melhor face  
Da sempre vária e bela natureza:  
Um quadro antigo, que já vimos todos,  
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,  
Risonha aurora, – ama acordar contigo;  
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,  
Ou rósea ou branca, já carmim, já fogo,  
Já tímidos reflexos, já torrentes  
De luz, que fere oblíqua os altos cimos.  
Amavam contemplar-te os de Itajuba  
Impávidos guerreiros, quando as tabas  
Imensas, que Jaguar fundou primeiro  
Cresciam, como crescem gigantesco  
Cedros nas matas, prolongando a sombra  
Longes nos vales, – e na copa excelsa  
Do sol estivo os abrasados raios  
Parando em vasto leito de esmeraldas.

As três formosas tabas de Itajuba  
Já foram como os cedros gigantesco  
Da corrente impedrada: hoje acamados

Fósseis que dormem sob a térrea crusta,  
Que os homens e as nações por fim sepultam  
No bojo imenso! – Chame-lhe progresso  
Quem do extermínio secular se ufana:  
Eu modesto cantor do povo extinto  
Chorarei nos vastíssimos sepulcros,  
Que vão do mar ao Andes, e do Prata  
Ao largo e doce mar das Amazonas.  
Ali me sentarei meditabundo  
Em sítio, onde não ouçam meus ouvidos  
Os sons frequentes de europeus machados  
Por mãos de escravos Afros manejados:  
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,  
    Donde chorando a preciosa goma,  
    Resina virtuosa e grato incenso  
A nossa incúria grande eterno asselam:  
Em sítio onde os meus olhos não descubram  
Triste arremedo de longínquas terras.  
Aos crimes das nações Deus não perdoa:  
Do pai aos filhos e do filho aos netos,  
Por que um deles de todo apague a culpa,  
Virá correndo a maldição – contínua,  
    Como fuzis de uma cadeia eterna.  
Virão nas nossas festas mais solenes  
    Miríade de sombras miserandas,  
Escarnecendo, secar o nosso orgulho  
De nação; mas nação que tem por base  
    Os frios ossos da nação senhora,  
    E por cimento a cinza profanada  
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.  
Não me deslumbra a luz da velha Europa;  
Há de apagar-se mas que a inunde agora;  
E nós?... sugamos leite mau na infância,  
Foi corrompido o ar que respiramos,  
Havemos de acabar talvez primeiro.

América infeliz! – que bem sabia,

Quem te criou tão bela e tão sozinha,  
Dos teus destinos maus! Grande e sublime  
Corres de polo a polo entre os sois mares  
Máximos de globo: anos da infância  
Contavas tu por séculos! que vida  
Não fora a tua na sazão das flores!  
Que majestosos frutos, na velhice,  
Não deras tu, filha melhor do Eterno?!  
Velho tutor e avaro cobiçou-te,  
Desvalida pupila, a herança pingue  
Cedeste, fraca; e entrelaçaste os anos  
Da mocidade em flor – às cãs e à vida  
Do velho, que já pende e já declina  
Do leito conjugal imerecido  
À campa, onde talvez cuida encontrar-te!

Tu, filho de Jaguar, guerreiro ilustre,  
E os teus, de que então vós ocupáveis,  
Quando nos vossos mares alinhadas  
As naus de Holanda, os galeões de Espanha,  
As fragatas de França, e as caravelas  
E portuguesas naus se abalroavam,  
Retalhado entre si vosso domínio,  
Qual se vosso não fora? Ardia o prélio,  
Fervia o mar em fogo a meia-noite,  
Nuvem de espesso fumo condensado  
Toldava astros e céus; e o mar e os montes  
Acordavam rugindo aos sons troantes  
Da insólita peleja! – Vós, guerreiros,  
Vós, que fazíeis, quando a espavorida  
Fera bravia procurava asilo  
Nas fundas matas, e na praia o monstro  
Marinho, a quem o mar, já não seguro  
Reparo contra a força e indústria humana,  
Lançava alheio e pávido na areia?  
Agudas setas, válidos tacapes  
Fabricavam talvez!... ai não... capelas,

Capelas enastravam para ornato  
Do vencedor; – grinaldas penduravam  
Dos alindados tetos, por que vissem  
Os forasteiros, que os paternos ossos  
Deixando atrás, sem manitôs vagavam,  
Os filhos de Tupã como os hospedam  
Na terra, a que Tupã não dera ferros!

\*\*\*

Rompia a fresca aurora, rutilando  
Sinais de um lia límpido e sereno.  
Então vinham saindo os de Itajuba  
Fortes guerreiros a contar os sonhos  
Com que Tupã amigo os bafejara,  
Quando as estrelas pálidas tombavam,  
Já de clarão maior esmorecidas.  
Vinham ledos ou tristes na aparência,  
Timoratos ou cheios de ardimento,  
Como o futuro evento se espelhava  
Nos sonhos, bons ou maus; mas acordá-los  
Disparatados, e o melhor de tantos  
Coligir, era missão mais alta.  
Não fosse o piaga intérprete divino,  
Nem os seus olhos penetrantes vissem  
O porvir, ao través do véu do tempo,  
Como ao través do corpo a mente enxergam;  
Não fosse, quem há que se afoutasse  
Em campo de batalha a expor a vida,  
A vida nossa tão querida, e tanto  
Da flor a vida breve semelhando:  
Roaz inseto a vai traçando em giro,  
Nem mais revive uma só vez cortada!

Mande porém Tupã seus gratos filhos,  
Rogados sonhos, que os decifra o piaga:  
E Tupã, de benigno os influi sempre



Em vésperas de batalha, como as chuvas  
Descem, quando a terra humores pede,  
Ou como, em sazão própria, brotam flores.

Postam-se em forma de crescente os bravos:

Ávida turba mulheril no entanto  
O rito sacro impaciente aguarde.  
Brincam na relva os folgazões meninos,  
Enquanto os mais crescidos, contemplando  
O aparato elétrico das armas,  
Enlevam-se; e, mordidos pela inveja,  
Discorrem lá consigo: – Quando havemos,  
Nós outros, de empunhar daqueles arcos,  
E quando levaremos de vencida  
As hostes vis do pérfido Gamela!

Vem por fim Itajuba. O piaga austero,  
Volvendo o maracá nas mãos mirradas,  
Pergunta: – Foi o espírito convosco,  
O espírito da força, e os ledos sonhos,  
Ministros de Tupã, núncios da glória?  
– Sim, foram, lhe respondem, ledos sonhos,  
Correios de Tupã; mas o mais claro  
É duro nó que o piaga só desata.  
Dizei-os pois, que vos escuta o piaga  
Disse, e maneja o maracá: das bocas  
Do mistério divino, em puros flocos  
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que, divagando em matas virgens,  
Sentira a luz fugir-lhe de repente  
Dos olhos, – se não foi que a natureza,  
Por mágico feitiço transtornada,  
Vestia por si mesma novas galas  
E aspectos novos, – nem as elegantes,  
Viçosas trepadeiras, nem as redes  
Agrestes do cipó já divisava.

Em lugar da floresta, uma clareira  
Relvosa descobria, em vez das árvores  
Tão altas, de que havia pouco o bosque  
Parecia ufanar-se, – um tronco apenas,  
Mas tronco tal que os resumia a todos.

Ali sozinho o tronco agigantado  
Luxuriava em folhas verde-negras,  
Em flores cor de sangue, e na abundância  
Dos frutos, como nunca os viu nas matas;  
Tão alvos como a flor do mamãozeiro,  
De macia penugem debruados.

Extático de os ver ali tão belos  
Tais frutos, que eu algures nunca vira,  
O bárbaro dizia, fui colhendo  
O melhor, por que o visse de mais perto.  
Pesar de não saber se era salubre,  
Ansiava gostá-lo, e em fura lida  
Lutava o meu desejo com a prudência.  
Venceu aquele! ai não vencesse nunca!  
Nunca, ludibrio não dos meus desejos,  
Mordessem-no meus lábios ressequidos.  
Contá-lo me arrepiava! – Mal o toco,  
Força-me a rejeitá-lo um quê oculto,  
Que os nervos me estremece: a causa inquirio...  
Eis que uma cobra, uma coral, de dentro  
Desdobra o corpo lúbrico, e em três voltas,  
Mas grata armila, me circunda o braço.  
Da vista e do contato horrorizado,  
Sacudo o estranho ornato; e vão me agito:  
Com quanto mais afã tento livrar-me,  
Mais apertado o sinto. – Nisto acordo,  
Úmido o corpo e fatigado, e a mente  
Molesta ainda do combate inglório.  
O que é, não sei; tu sabes tudo, ó Piaga  
Há e talvez razão que eu não alcanço,

Que certo isto não é sonhar batalhas.

– Haja sentido oculto no teu sonho,  
(Diz ao guerreiro o piaga) eu, que levanto  
O véu do tempo, e aos mortais o mostro.  
Dir-to-ei por certo; mas eu creio e tenho  
Que algum gênio turbou-te a fantasia,  
Talvez anhanguera de traidor Gamela;  
Que os Gamelas são pérfidos em morte,  
Como em vida. – Assim é, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,  
Temíveis caititus, pacas ligeiras,  
Coatis e jabotins, – até onça e tigres,  
Tudo em rimas, em feixes: outro em sonhos  
Nada disto enxergou: porém cardumes  
De peixes vários, que o timbó prestante  
Trazia quase à mão, se não fechados  
Em mondes espaçosos! – gáudio imenso!  
De os ver ali raivando na estacada  
Tão grandes surubins, traíras tantas,  
Ou boiando sem tino à flor das águas!

Outros não viram nem mondes, nem peixes,  
Nem aves, nem quadrúpedes: mas grandes  
Samotins transbordando argêntea espuma  
Do fervente cauim; e por três noites  
Girar em roda a taça do banquete,  
Enquanto cada qual memora em cantos  
Os feitos próprios: reina o guau, que passa  
Destes àqueles com cadência alterna.

O piaga exulta! Eu vos auguro, ó bravos  
Do herói Timbira (clama entusiasta)  
Leda vitória! Nunca em nossas tabas  
Haverá de correr melhor folgança,  
Nem ganhareis jamais honra tamanha.

Bem sabeis como é de uso entre os que vencem  
Festejar o triunfo: o canto e a dança  
Marcham de par, – banquetes se preparam,  
E a glória da nação mais alta brilha!  
Oh! nunca sobre as tabas de Itajuba  
Haverá de nascer mais grata aurora!

Soam festivos gritos, e as pocemas  
Dos guerreiros, que sôfregos escutam  
Do piaga os ditos, e o feliz augúrio  
Da próxima vitória. Não dissera  
Quem quer que fosse estranho aos usos deles  
Senão que por aquela densa pinha  
De vulgo, se espalhara a fausta nova  
De gloriosa ação já consumada,  
Que os seus, validos da vitória, obraram.

Entanto Japeguá, posto de parte,  
Enquanto lavra em todos o contágio  
Da glória e do prazer, – bem claro mostra  
No rosto descontente o que medita.  
Prazer que em altos gritos se propala,  
Discorre lá consigo o Americano,  
É como a chama rápida correndo  
Nas folhas da pindoba: é falso e breve!

Atenta nele o chefe dos Timbiras,  
Como que interno, igual pressentimento  
Rejeita, seu malgrado, a voz do piaga.  
Que pensa Japeguá? Acaso em sonhos  
Tremendo e torvo se lhe antolha o êxito  
Da batalha? ou seja, ou não conosco,  
Que tarda em nos dizer seu pensamento?

"Eu, vi" Japeguá (e assim dizendo,  
Sacode vezes três a fronte adusta,  
Onde gravara da prudência o selo

Contínuo meditar). Vi altos combros  
De mortos já polutos, – via lagoas  
Brutas de sangue impuro e negrejante;  
Vi setas e carcás espedaçados,  
Tacapes adentados, ou partidos  
Ou já sem fio! – vi... Eis Catucaba  
Mal sofrido intervém, interrompendo  
A narração do sonhador de males.  
Bravo e ardido como é, nunca a prudência  
Lhe foi virtude, nem por tal a aceita.  
Nunca o membi guerreiro em seus ouvidos  
Troou medonho, inóspito combate,  
Que às armas não corresse o valoroso,  
Intrépido soldado; mais que tudo  
Amava a luta, o sangue, vascas, transes,  
Convulsos arrepios, altos gritos  
Do vencedor, imprecações sumidas  
Do que, vencido, jaz no pó sem glória.  
Sim, ama e que o tráfego das armas  
Talvez melhor que a si; nem mais risonha  
Imagem se lhe antolha, nem há coisa  
Que tenha em mais apreço ou mais cobice.  
O perigo que aventasse era feitiço,  
Que em delírio de febre o transtornava.  
Fanático de si, ébrio de glória,  
Lá se arrojava intrépido e brioso,  
Onde pior, onde mais negro o via.

Não eram dois na esquadra de Itajuba  
De gênios em mais pontos encontrados:  
Por isso em luta sempre. Catucaba,  
Fragueiro, inquieto, sempre aventureiro,  
Em cata de mais glória e mais renome,  
Sempre à mira de encontros arriscados,  
Sempre o arco na mão, sempre embebida  
Na corda tesa e frecha equilibrada.  
Ninguém mais solto em vozes, mais galhardo

No guerreiro desplante, ou que mostrasse  
Atrevido e soberbo e forte em campo  
Quer pujança maior, que mais orgulho.

Japeguá, corajoso, mas prudente,  
Evitava o conflito, via o risco,  
Media o seu poder e as posses dele  
E o azar da luta e descansava em ócio.  
Sua própria indolência revelava  
Ânimo grande e não vulgar coragem.  
Se fosse lá nos paramos da Líbia,  
Deitado à sombra da árvore gigante,  
O leão da Numídia bem poderá  
Trilhar por junto dele os movediços  
Combros da areia, – amedrontando os ares  
Com aquele bramir agreste e rude,  
Que as feras sem terror ouvir não sabem.  
O índio ouvira impávido o rugido,  
Sem que o terror lhe destingisse as faces;  
E ao rei dos animais voltando o rosto,  
Somente porque mais à jeito o visse,  
Viras ambos, sombrios, majestosos,  
Contemplarem-se à espaço, destemidos;  
De estranheza o leão os seus rugidos  
Na gorja sufocar, e a nobre cauda,  
Entre medos e assomos de ardimento,  
Mover de leve e irresoluto aos ventos!

Um – era a luz fugaz fácil prendida  
Nas plumas do algodão: luz que deslumbra  
E que em breve amortece: outro – faísca,  
Que surda, pouco a pouco vai lavrando  
Não vista e não sentida te que surge  
Dum jato só, tornada incêndio e fumo.

Que viste? diz-lhe o êmulo brioso,  
Só coalheiras de sangue inficionado,

Só tacapes e setas bipartidas,  
E corpos já corruptos?! Eia, ó fraco,  
Embora em ócio ignavo aqui descanses,  
E nos misteres feminis te adestres!  
Ninguém te cama à vida dos combates,  
Não te almeja ninguém por companheiro,  
Nem há de o sonho teu acobardar-nos.  
É certo que haverá mortos sem conto,  
Mas não seremos nós; – setas partidas,  
As nossas, não; tacapes amolgados...  
Mas os nossos verás mais bem talhantes,  
Quando houverem partido inimigos crânios.

Herói, não em façanhas, mas nos ditos  
Lidador que a vileza d’alma encobres  
Com frases descorteses, – já te viram,  
Pendentes braço e armas, contemplando  
Os feitos meus, pesar que sou cobarde.  
Essa infame tarefa que me incumbes  
É minha, sim; mas por diverso modo:  
Não ministro cauim às vossas festas;  
Mas na refrega o meu trabalho é vosso.  
Da batalha no campo achais defuntos,  
Vossa glória e brasão, corpos sem conto,  
Cujas feridas largas e profundas,  
De largas e profundas, denunciam  
A mão que as sói fazer com tanto efeito.  
Não tenho espaço, onde recolha os ossos,  
Não tenho cinto, onde pendure os crânios,  
Nem colar onde caibam tantos dentes,  
De quantos venci já; por isso inteiros  
Lá vo-los deixo, heróis; e vós lá ides,  
Em que me não queirais por companheiro,  
Rivais dos urubus, fortes guerreiros,  
Fácil triunfo conquistar nas trevas,  
Aos vorazes tatus roubando a presa.

Calou-se... e o vulgo rosna em torno de ambos,  
Deste ou daquele herói tomando as partes.  
Pois quê?... há de ficar tamanha afronta  
Impune, e não haveis levar das armas,  
Por que o sangue a desbote e apague inteira?

Diziam, – e a tais ditos mais fermente  
A raiva em ambos; fazem-lhes terreiro,  
Já verga o arco, já se entesa a corda,  
Já batem pés no solo pulvurento:  
Correra o sangue de um, talvez o de ambos,  
Que sobre os dois a morte, abrirea as asas!

Silêncio! brada o chefe dos Timbiras,  
Interposto severo em meio da ambos;  
De um lado e outro a turba circunfusa  
Emudece, – divide-as largo espaço,  
De cujo centro gira os torvos olhos  
O herói, e só de olhar lhe estende as raias.  
Assim de altivo píncaro descamba  
Enorme rocha, obstruindo o leito  
De um rio caudaloso: as fundas águas  
Latindo em vão na rocha volumosa  
Separam-se, cavando novos leitons,  
Enquanto o antigo se resseca e abras.

Silêncio! disse; e em torno os olhos gira,  
Fúlgidos, negros: orgulhosas frentes,  
Que aos golpes do tacape não se dobram  
Em torno sobre o peito vão caindo  
Uma após outra: altivo um só apenas  
Rebelde arrosta o olhar! – rápido golpe,  
Rápido e forte, como o raio, o prostra  
Na arena em sangue! Mosqueado tigre,  
Se cai no meio de preás medrosos,  
Talvez no primo impulso algum aferra;  
Vulgacho imbele! – ao mísero que prende



E torce ainda nas compridas garras,  
Longe, sem vida, desdenhoso o arroja.

Assim o herói. Por longo trato mudo  
Soberbo e grande alfim mostrando o rio,  
Quedou sem mais dizer; o rio ao longe  
As águas, como sempre, majestosas  
Na gorja das montanhas derramava,  
Caudal, imenso. Trás daqueles montes,  
Diz Itajuba, não sabeis quem seja?  
Afronta e nome vil haja o guerreiro,  
Que ousa lutas ferir, travar discórdias,  
Quando o inimigo boré tão perto soa.

Acorre o piaga em meio do conflito:  
Prudência, ó filho de Jaguar, exclama;  
Nem mais sangue timbira se derrame,  
Que já não basta por pagar-nos deste,  
Que derramaste, quando houver nas veias  
Dos pérfidos Gamelas. O que ouviste,  
Que o forte Japeguá diz ter sonhado,  
Assela o que tupã me está dizendo  
Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,  
Depois que os funestou propínquo sangue.

Devoto piaga (Mojacá prossegue)  
Que vida austera e penitente vives  
Dos rochedos na Lapa venerada,  
Tu, dos gênios do Ibaque bem fadado,  
Tu face a face com Tupã praticas  
E vês nos sonos meus melhor que eu mesmo.  
Escuta, e dize, ó venerando piaga  
(Benévolo Tupã teus ditos ouça)  
Anguera mau turbou-te a fantasia,  
Aflito Mojacá, teu sonho mente.

Palavras tais no índio circunspecto,

Cujos lábios em vão nunca se abriram;  
Guerreiro, cujos sonhos nunca foram,  
Nem mesmo em risco estreito, pavorosos;  
No vulgo frio horror vão trescalando,  
Que entre a crença do piaga, e a deferência  
Devida a tanto herói flutua incerta.

Eu vi, diz ele, vi em baba inimiga  
Guerreiro, como vós, comado e hirsuto!  
A corda estreita do cruento rito  
Os rins lhe aperta? a dura tangapema  
Sobre-está-lhe fatal; – cantos se entoam  
E a tuba dançatriz em torno gira.  
Sono não foi, que o vi, como vos vejo;  
Mas não vos direi já quem fosse o triste!  
Se vísseis, como eu vi, a fronte altiva,  
O olhar soberbo, – aquela força grande,  
Aquele riso desdenhoso e fundo...  
Talvez um só, nenhum talvez se encontre,  
Eu seja para estar no passo horrendo  
Tão seguro de si, tão descansado!

Acaso um tronco volumoso e tosco  
De escamas fortes entre si travadas  
Ali perto jazia. Ogib, o velho,  
Pai do errante Jatir, ali sentou-se.  
Ali triste pensava, até que o sonho  
Do aflito Mojacá veio acordá-lo.  
Tupã! que mal te fiz, que assim me colha  
Do teu furor a seta envenenada?  
Com voz chorosa e trêmula clamava.  
Escuto os gabos que só cabem nele,  
Vejo e conheço o costumado ornato  
Do filho meu querido! isto que fora,  
A quem tão infeliz como eu não fosse,  
Ventura grande, me constringe o peito!  
Conheço o filho meu no que disseste,

Guerreiro, como a flor pelo perfume,  
Como o esposo conhece a grata esposa  
Pelas usadas plumas da aração,  
Que entre as folhas do bosque a espaços brilha,  
Ai! nunca brilhe a flor, se não de roê-la  
Insetos; nunca vague a linda esposa  
No bosque, se há de as feras devorá-la!

A dor que mostra o velho em todo o aspecto,  
Nas vozes por soluços atalhadas,  
Nas lágrimas que chora, os move a todos  
A triste compaixão; mas mais àquele,  
Que, antes do pobre pai, já todo angústias,  
Da própria narração se enternecia.  
Às querelas de Ogib volta o rosto  
O fatal sonhador, – que, seu malgrado,  
As setas da aflição tendo cravado  
Nas entranhas de um pai, quer logo o suco,  
Fresco e saudável, do louvor, na chaga  
Verter-lhe, donde o sangue em jorros salta.

Tal era, tão impávido (prossegue,  
Fitando o velho Ogib o seu desprante,  
Qual foi o de Jatir naquele dia,  
Quando, novel nas artes do guerreiro,  
Circundado se viu à nossa vista  
De inimiga multidão: todos o vimos;  
Todos da clara estirpe deslembrados,  
Clamamos tristes, pávidos: É morto!  
Ele porém que o arco usar não pode,  
O válido tacape desprendendo,  
Sacode-o, vibra-o: fere, prostra e mata  
A este, àquele; e em volumosos feixes  
Acerva a turba vil, lucrando um nome.  
Tapir, caudilho seu, que não suporta  
Que um homem só e quase inerme, o cubra  
De tamanho labéu, altivo brada:

Cede-me, estulto, cede ao meu tacape  
Que nunca ameaçou ninguém de balde.  
E assim dizendo vibra crebros golpes,  
Com a bruta folha retalhando os ares!  
Um couro de tapir, em vez de escudo,  
Rijo e piloso lhe guardava os membros.  
Jatir, do arco seu curvando as pontas,  
Sacode a seta fina e sibilante,  
Que vara o couro e o corpo surge for.  
Tomba de chofre o índio, e o som da queda  
Remata o som que a voz não rematara.  
Vista a pele do tapir, que o resguardava,  
Japi, mesmo Japi lhe inveja o tiro.

Todo o campo se aflige, todos clamam:  
Jatir! Jatir! o forte entre os mais fortes.  
Ordem não há; mulheres e meninos  
Baralham-se em tropel: o pranto, os gritos  
Confundem-se: do velho Ogib entanto  
Mal se percebe a voz Jatir gritando.

Itajuba por fim silêncio impondo  
À turba mulheril, e à dos guerreiros  
Nesta batalha: Consultemos, disse,  
Consultemos o piaga: às vezes pode  
O santo velho, serenando o ibaque,  
Amigo bom tornar o Deus malquisto.

Mas ora não! – responde o piaga iroso.  
Só quando ruge a negra tempestade,  
Só quando a fúria de Anhangá fuzila  
Raios do escuro céu na terra aflita  
Do piaga vos lembrais? Tanta lembrança,  
Tarda e fatal, guerreiros! Quantas vezes  
Não fui, em mesmo, nos terreiros vossos  
Fincar o santo maracá? De balde,  
De balde o fui, que à noite o achava sempre

Sem oferta, que aos Deuses tanto prazem!  
Nu e despido o vi, como ora o vedes.  
(E assim dizendo mostra o sacrossanto  
Mistério, que de irado pareceu-lhes  
Soltar mais rouco som no seu rugido)  
Quem de vós se lembrou que o santo Piaga  
Na lapa dos rochedos se mirrava  
Apura mímica? Só Tupã, que ao velho  
Deu não sentir os dentes aguçados  
Da fome, que por dentro o remordia,  
E mais cruel, passada entre os seus filhos!

Cegou-nos Anhangá, diz Itajuba,  
Fincando o maracá nos meus terreiros,  
Cegou-nos certo! – nunca o vi sem honras!  
Que o vira, bom piaga... oh! não se diga  
Que um homem só, dos meus, perece à mímica,  
(Quem quer que seja, quanto mais um Piaga\_  
Quando campeiam tantos homens de arco  
Nas tabas de Itajuba, – tantas donas  
Na cultura dos campos adestradas.  
Hoje mesmo farei que ao antro escuro  
Caminhem tantos dons, tantas ofertas,  
Que o teu santo mistério há de por força,  
Quer queiras, quer não, dormir sobre elas!

Talvez a rica oferenda aplaca os Deuses,  
E saudável conselho a noite inspira!  
Disse e sem ais dizer se acolhe à gruta.

À caça, ó meus guerreiros, brada o chefe;  
Ledas donzelas ao cauim se apliquem,  
Os meninos à pesca, à roça as donas,  
Eia! – Ferve o labor, reina o tumulto,  
Que quase tanto vale como a alegria,  
Ou antes, só prazer que o povo gosta.

Já deslembrados do que ausente choram  
Favor das turbas que tão leve passas!  
Ledos no peito, ledos na aparência  
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no prazer, prazer que moras  
Dentro de tanto afã! festa que nasce  
Sob auspícios tão maus, possa algum gênio,  
Possa Tupã sorrir-te carinhoso,  
E das alturas condoer-se amigo  
Do triste, órfão de amor, e pai sem filho!

### CANTO QUARTO

Bem vindo seja o fausto mensageiro,  
O melífluo Timbira, cujos lábios  
Destilam sons mais doces do que os favos  
Que errado caçador na brenha inculta  
Por ventura topou! Hóspede amigo,  
Ledo núncio de paz, que o território  
Pisou de inimigas hostes, quando a aurora  
Despontava nos céus – bem-vindo seja!  
Não luz mas brando e grato o romper d'alva  
Que o teu sereno aspecto; nem mais doce  
A fresca brisa da manhã cicia  
Pela selvosa encosta, que a mensagem  
Que o chefe inimigo e fero anseia ouvir-te.  
Melífluo Jurecei, bem-vindo sejas  
Dos Gamelas ao chefe, Gurupema,  
Senhor dos arcos, quebrador das setas,  
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim consigo as hostes do Gamela:  
Consigno só, que a usada gravidade  
Já na garganta, a voz lhes retardava.  
Não veio Jurucei? Posto de frente,

Arco e flecha na mão feito pedaços,  
Certo sinal do respeitoso encargo,  
Por terra não lançou? – Que pois augura  
Tal vinda, a não ser que o audaz Timbira  
Melhor conselho toma: e porventura  
De Gurupema receando as forças,  
Amiga paz lhe oferece, e em sinal dela  
Do vencido Gamela o corpo entrega?!  
Em bem! que a torva sombra vagarosa  
Do outrora chefe seu há de aplacar-se,  
Ouvindo a mesma voz das carpideiras,  
E vendo no sarcófago depostas  
As armas, que no ibaque hão de servi-lhe,  
E junto ao corpo, que foi seu, as plumas,  
Enquanto vivo, insígnias do mando.  
Embora ostente o chefe dos Timbiras  
O ganhado troféu; embora à cinta  
Ufano prenda o gadelhudo crânio,  
Aberto em croa, do infeliz Gamela.  
Embora; mas porém amigas quedem  
Do Timbira e Gamela as grandes tabas;  
E largo em roda na floresta imperem,  
Que o mundo em peso, unidas, afrontaram!

Nascia a aurora: do Gamela as hostes  
Em pé, na praia, mensageiro aguardam  
Sisudos, graves. Um caudal regato,  
Cujos branco areial a prata imita,  
Serenos ali volvia as mansas águas,  
Como que triste de as levar ao rio,  
Que ao mar conduz a rápida torrente  
Por entre a selva umbrosa e brocas penhas.  
Esta a praia! – em redor troncos gigantes,  
Que a folhagem no rio debruçavam,  
Onde beber frescor os galhos vinham,  
Cuxuriando em viço! – penduradas  
Trepadeiras gentis da coma excelsa,

Estrelando do bosque o verde manto  
Aqui, ali, de flores cintilantes,  
Meneavam-se ao vento, como fitas,  
De que se enastra a coma a virgem bela.  
Era um prado, uma várzea, um tabuleiro  
Com mimoso tapiz de várias flores,  
Agrestes, sim, mas belas, gênio amigo  
Chegou-lhe só a mágica vergasta!  
Ei-las a prumo ao logo da corrente  
Com requebros louçãos a enamorá-la!

A nós de embira aos troncos amarradas  
Quase igaras em conto figuravam  
Ousada ponte no correr das águas  
Por força mais que humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurecei, notando  
O inimigo poderio, e seu malgrado  
Vai lá consigo mesmo discorrendo:  
Muitos, certo e as nossas tabas forte,  
Itajuba invencível; mas da guerra  
É sempre incerto o azar e sempre vário!  
E... quem sabe? – talvez... mas nunca, oh! nunca!  
Itajuba! Itajuba! – onde há no mundo  
Posses que valham contrastar seu nome?  
Onde a seta que valha derribá-lo,  
E a tribo ou povo que os Timbiras vençam?!

Entre as hostes que a si tinha fronteiras  
Penetra! – tão galhardo era o seu gesto,  
Que os Gamelas em si tão bem disseram:  
– Missão de paz o traga, que se os outros  
São tão feros assim, Tupã nos valha,  
Sim, Tupã; que o não pode o rei das selvas!

Hospedagem sincera entanto oferecem  
A quem talvez não tardará buscá-los



Com fina seta no leal combate.  
Ás igaras o levam pressurosos,  
Servem-lhe o piraquém na guerra usado,  
E os louros sons do colmeal agreste;  
Servem-lhe amigos succulento pasto  
Em banquete frugal; servem-lhe taças  
(A ver se mais que a fome o instiga a sede)  
Do espumoso cauim, – taças pesadas  
Na funda noz da sapucaia abertas.  
Sem temor o timbira vai provando  
O mel, o piraquém, as iguarias;  
Mas dos vinhos coíbe-se prudente.

Em remoto lugar forma conselho  
O rei da selvas, Gurupema, enquanto  
Restaura o mensageiro os lassos membros.  
Chama primeiro Caba-oçu valente;  
As ríspidas melenas corredias  
Cortam-lhe o rosto, – Pendem-lhe nas costas,  
Hirtas e lesas, como o junco em feixes  
Acamados no leito ressequido  
De invernosa corrente. O rosto feio  
Aqui, ali negreja manchas negras  
Como da bananeira a larga folha,  
Colhida ao romper d'alva, que uma virgem  
Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçu; mas sem piedade!  
Como senta fera almeja sangue  
E de malvada ação cruel se paga.  
Apressou em combate um seu contrário,  
Que mais inimigo tinha entre os inimigos:  
Da guerra os duros vínculos lançou-lhe  
E à terreiro o chamou, como é de usança  
Para o triunfo bélico adornado.

Fizeram-lhe terreiro os mais de entorno:

Ele do sacrifício empunha a maça,  
Impropérios assaca, vibra o golpe,  
E antes que tombe o corpo, aferra os dentes  
No crânio fulminado: jorra o sangue  
No rosto, e em gorgulhões se expande o cérebro,  
Que a fera humana rábida mastiga!  
E enquanto limpa à desgrenhada coma  
Do sevo pasto o esqualido sobejo,  
Bárbaras hostes do Gamela torcem,  
À tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepiaba, o forte entre os mais fortes,  
Taiatu, Taiatinga, Nupançaba,  
Tucura o ágil, Cravatá sombrio,  
Andira, o sonhador de agouros tristes,  
Que ele é primeiro a desmentir com as armas,  
Pirera que jamais não foi vencido,  
Itapeba, rival de Gurupema,  
Oquena, que por si vale mil arcos,  
Escudo e defesa dos seus que ampara;  
E outros, e muitos outros, cuja morte  
Não foi sem glória no cantar dos bardos.

Guerreiros! Gurupema assim começa,  
Antes de ouvir o mensageiro estranho,  
Consultar-vos me é força; a nós incumbe  
Vingar do rei da selva a morte indigna.  
Do que morreu, em que lhe seja eu filho,  
E a todos nós da gloriosa herança  
Compete o desagravo. Se nos busca  
O filho de Jaguar, é que nos teme;  
A nossa fúria porventura intenta  
Voltar a mais amigo sentimento.  
Talvez do vosso chefe o corpo e as armas  
Com larga pompa nos envia agora:  
Basta-vos isto?

Guerra! guerra! exclamam.

Notai porém quanto é pujante o chefe,  
Que os Timbiras dirige. Sempre o segue  
Fácil vitória, e mesmo antes da luta  
As galas triunfais dispõe seguro.

Embora, dizem uns; outros murmuram,  
Que de tão grande herói, qualquer que seja  
A oferta expiatória, em bem, se aceite.  
Vacilam no conselho. A injúria é grande,  
Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

Se o orgulho desce a ponto no Timbira,  
Que pazes nos propõe, diz Itapeba  
Com dura voz e cavernoso acento,  
Já está vencido! – Alguém pensa o contrário  
(E com despeito a Gurupema encara)  
Alguém, não eu! Se havemos de barato  
Dar-lhe a vitória, humildes aceitando  
O triste câmbio (a ideia só me irrita)  
De um morto por um arco tão valente,  
Aqui as armas vis faço pedaços  
Em breve trato, e vou-me a ter com esse,  
Que sabe leis ditar, mesmo vencido!

Como tormenta, que rouqueja ao longe  
E som confuso espalha em surdos ecos;  
Como rápida flecha corta os ares,  
Já perto soa, já mais perto brame,  
Já sobranceira enfim roncando estala;  
Nasce fraco rumor que logo cresce,  
Avulta, ruge, horrísono ribomba.  
Oquena! Oquena! o herói nunca vencido,  
Com voz troante e procelosa exclama,  
Dominando o rumor, que longe ecoa.

Fujam tímidas aves aos lampejos  
Do raio abrasador, – medrosas fujam!  
Mas não será que o herói se acanhe ao vê-los!  
Itapeba, só nós somos guerreiros;  
Só nos, que a olhos nus fitando o raio,  
Da glória a senda estreita à par trilhamos.  
Tens em mim quanto sou e quanto valho,  
Armas e braço enfim!

Eis rompe a densa  
Turba que de entorno de Itapeba  
Formidável barreira alevantava.

Quadro pasmoso! os dois de mãos travadas,  
Serenos o aspecto, plácido o semblante,  
À fúria popular se apresentavam  
De constância e valor somente armados.  
Eram escolhos gêmeos, empinados,  
Que a fúria de um vulcão ergueu nos mares.  
Eterno ali serão com os pés no abismo,  
Com os negros cimos devassando as nuvens,  
Se outra força maior os não afunda.  
Ruge embalde o tufão, embalde as vagas  
Do fundo pego à flor do mar borbulham!

Estranha a turba, e pasma o desusado  
Arrojo, que jamais assim não viram!  
Mas mais que todos Caba-oçu valente  
Enleva-se da ação que o maravilha;  
E de nobre furor tomado e cheio,  
Clama altivo: Eu também serei convosco,  
Eu também, que a só mercê vos peço  
De haver às mãos o pérfido Timbira.  
Seja, o que mais lhe apraz invulnerável,  
Que d'armas não careço por vencê-lo.  
Aqui o tenho, – aqui comigo o aperto,  
Estreitamente o aperto nestes braços,

(E os braços mostra e os peitos musculosos)

Há de medir a terra já vencido,  
E orgulho e vida perderá com o sangue,  
Arrã soprada, que um menino espoca!

E bate o chão, e o pé na areia enterra,  
Orgulhoso e robusto: o vulgo aplaude,  
De prazer rancor soltando gritos  
Tão altos, tais, como se ali tivera  
Aos pés, rendido e morto o herói Timbira.

Por entre os alvos dentes que branquejam,  
Ri-se o prazer nos lábios do Gamela.  
Ao rosto a cor lhe sobe, aos olhos chega  
Fugaz clarão da raiva que aos Timbiras  
Votou de há muito, e mais que tudo ao chefe,  
Que o espólio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silêncio impondo  
Alegre aos três a mão calosa oferece,  
Rompendo nestas vozes: Desde quando  
Cabe ao soldado pleitear combates  
E ao chefe em ócio viver seguro?  
Guerreiros sois, que os atos bem no provam;  
Mas se vos não apraz ter-me por chefe,  
Guerreiro tão bem sou, e onde se ajuntam  
Guerreiros, não de haver lugar os bravos!  
Serei convosco, disse. – E aos três se passa.

Soam batidos arcos, rompem gritos  
Do festivo prazer, sobe de ponto  
O ruidoso aplaudir. Só Itapeba,  
Que ao seu rival deu azo de triunfo,  
Malsatisfeito e quase irado rosna.

Um Tapuia, guerreiro adventício,  
Filhado acaso à tribo dos Gamelas,

Pede atenção, – prestam-lhe ouvidos todos.  
Estranho é certo; porém longa vida  
A velhice robusta lhe autoriza.  
Muito há visto, sofreu muitos reveses,  
Longas terras correu, aprendeu muito;  
Mas quem é, donde vem, qual é seu nome?  
Ninguém o sabe: ele não o disse nunca.  
Que vida teve, a que nação pertence,  
Que azar o trouxe à tribo dos Gamelas?  
Ignora-se também. Nem mesmo o chefe  
Perguntar-lhe se atreve. É forte, é sábio,  
É velho e experiente, o mais que importa?  
Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.  
Se à caça os aconselha, a caça abunda;  
Se à pesca, os rios cobrem-se de peixes;  
Se à guerra, ai da nação que ele indigita!  
Valem seus ditos mais que valem sonhos,  
E acerta mais que os piagas nos conselhos.

Mancebo (assim diz ele a Gurupema)  
Já vi o que por vós não será visto,  
Imensas tabas, bárbaros inimigos,  
Como nunca os vereis; andei já tanto,  
Que o não fareis, andando a vida inteira!  
Estranhos casos vi, chefes pujantes!  
Tabira, o rei dos bravos Tobajaras,  
Alquíndar, que talvez já não exista,  
Iperu, Jepipó de Mambucaba,  
E Coniã, rei dos festins guerreiros;  
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,  
Ação, que eu saiba, de tão grandes Cabos,  
Como a vossa não foi, – nem tal façanha  
Fizeram nunca, e sei que foram grandes!  
Itapeba entre os seus não encontraras,  
Que não pagasse com seu sangue o arrojo  
Se tanto as claras pôr-se-lhes contrário.  
Mas quem do humano sangue derramado

Porventura se peja? – em que lugares  
A glória da peleja horror infunde?  
Ninguém, nenhures, ou somente aonde,  
Ou só aquele que já viu infunde  
Cruas vagas de sangue; e os turvos rios  
Mortos por tributo ao mar volvendo.  
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista  
Do humano sangue saciou-me a sede.  
Ouvi-me, Gurupema, ouvi-me todos:  
Da sua tentativa o rei das selvas  
Teve por prêmio o lacrimoso evento:  
E era chefe brioso e bom soldado!

Só não pode sofrer que alguém dissesse  
Haver outro maior tão perto dele!  
A vaidade o cegou! ardida empresa  
Cometeu, mas por si: de fora, e longe  
Os seus o viram deslindas seu pleito.  
Vencido foi... a vossa lei de guerra,  
Bárbara, sim, mas lei, – dava ao Timbira  
Usar, com ele usou, do seu triunfo.  
A que pois fabricar novos combates?  
Por que empreendê-los nós, quando mais justos  
Os Timbiras talvez mover puderam?  
Que vos importa a vós vencer batalhas?  
Tendes rios piscosos, fundas matas,  
Inúmeros guerreiros, tabas fortes;  
Que mais vos é mister? Tupã é grande:  
De um lado o mar se estende sem limites,  
Pingues florestas doutro lado correm  
Sem limites também. Quantas igaras  
Quantos arcos houvermos, nas florestas,  
No mar, nos rios caberão às largas:  
Por que então batalhar? por que insensatos,  
Buscando o inútil, necessário aos outros,  
Sangue e vida arriscar em néscias lutas?  
Se o filho de Jaguar trazer-nos manda

Do chefe desditoso e frio corpo,  
Aceite-se... se não... voltemos sempre,  
Ou com ele, ou sem ele, às nossas tabas,  
Às nossas tabas mudas, lacrimosas,  
Que hão decerto enlutar nossos guerreiros,  
Quer vencedores voltem quer vencidos.

Do forasteiro, que tão solto fala  
E tão livre argumenta, Gurupema  
Pesa a prudente voz, e alfim responde:  
Tupã decidirá, – Oh! não decide,  
(Como consigo diz o forasteiro)  
Não decide Tupã humanos casos,  
Quando imprudente e cego o homem corre  
De encontro ao fado seu: não valem sonhos,  
Nem da prudência meditado aviso  
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos!

O chefe dos Gamelas não responde:  
Vai pensativo demandando a praia,  
Onde o Timbira mensageiro o aguarda.

Reina o silêncio, sentam-se na arena,  
Jurupei, Gurupema e os mais com eles.  
Amiga recepção, – ali não viras  
Nem pompa oriental, nem galas ricas,  
Nem armados salões, nem corte egrégia,  
Nem régios passos, nem caçoilas fundas,  
Onde a cheirosa goma se derrete.  
Era tudo singelo, simples tudo,  
Na carência do ornato – o grande, o belo.  
Na própria singeleza a majestade.  
Era a terra o palácio, as nuvens teto,  
Colunatas os troncos gigantescos,  
Balcões os montes, pavimento a relva,  
Candelabros a lua, o sol e os astros.



Lá estão na branca areia descansados.  
Como festiva taça num banquete,  
O cachimbo de paz, correndo em roda,  
Se fumo adelgado cobre os ares.  
Almejam, sim, ouvir o mensageiro,  
E mudos são contudo: não dissera,  
Quem quer que os visse ali tão descuidoso,  
Que ardor inquieto e fundo os ansiava.

O forte Gurupema alfim começa  
Após cômico silêncio, em voz pausada:  
Saúde ao núncio do Timbira! disse.  
Tornou-lhe Juruçei: Paz aos Gamelas,  
Renome e glória ao chefe seu preclaro!  
– A que vens pois? Nós te escutamos: fala  
Todos vós, que me ouvis, vistes boiantes,  
À mercê da corrente, o arco e as setas  
Feitas pedaços, por mim mesmo inúteis.

E de to ver folguei; mas quero eu mesmo  
Ouvir dos lábios teus quanto imagino.  
Acata-me Itajuba, e de medroso  
Tenta poupar aos seus tristeza e luto?  
A flor das Tabas suas, talvez manda  
Trazer-me o corpo e as armas do Gamela,  
Vencido, em mal, no desleal combate!  
Pois seja, que talvez não queira eu sangue,  
E do justo furor quebrando as setas...  
Mas dize-o tu primeiro... Nada temas,  
É sagrado entre nós guerreiro inerme,  
E mais sagrado o mensageiro estranho.

Treme de pasmo e cólera o Timbira,  
Ao ouvir tal discurso. – Mais surpreso  
Não fica o pescador, que mariscando  
Vai na maré vazante, quando avista  
Envolto em Iodo um tubarão na praia,

Que reputa sem vida, passa rente,  
E com as malas da rede acaso o açoita  
E a desleixo; – feroz o monstro acorda  
E escancarando as fauces mostra nelas  
Em sete filas alinhada a morte!

Tal ficou Jurecei, – não de receio,  
Mas de surpresa atônito, – o contrário,  
Que de o ver merencório não se agasta,  
A que proponha o seu encargo o anima.

Não ignavo temor a voz me embarga,  
Emudeço de ver quão mal conheces  
Do filho de Jaguar os altos brios!  
Esta a mensagem que por mim vos manda:  
Três grandes tabas, onde heróis pululam,  
Tantos e mais que nós, tanto e mais bravos,  
Caídas a seus pés a voz lhe escutam.  
Não quer dos vossos derramar mais sangue:  
Tigre cevado em carnes palpitante,  
Rejeita a fácil presa; nem o tenta  
De perjuros haver troféus sem glória.  
Enquanto pois a maçã não sopesa,  
Enquanto no carcás dormem-lhe as setas  
Imóveis – atendei! – cortai no bosque  
Troncos robustos e frondosas palmas  
E novas tabas construí no campo,  
Onde o corpo caiu do rei das sevas,  
Onde empastado inda enrubesce a terra  
Sangue daquele herói que vos infama!  
Aquela briga enfim de dois, tamanhos,  
Sinalai; porque estranho caminheiro  
Amigas vendo e juntas nossas tabas  
E a fé que usais guardar, sabendo, exclame:  
Vejo um povo de heróis, e um grande chefe!

Enquanto escuta o mensageiro estranho,  
Gurupema, talvez sem que o sentisse,

Vai pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.  
A baça cor do rosto é sempre a mesma,  
O mesmo o aspecto, – a válida postura  
A quem de longe vê, somente indica  
Vigor descomunal, e a gravidade  
Que os próprios Índios por incrível notam.  
Era uma estátua, exceto só nos olhos,  
Que por entre as em vão caídas pálpebras  
Clarão funéreo derramava entorno.

Quero ver que valor mostras nas armas,  
(Diz ao Timbira, que a resposta agrada)  
Tu que arrogante, em frases descorteses,  
Guerra declaras, quando paz ofereces.  
Quebraste o arco teu quando chegaste,  
O meu te ofereço! O quebrador dos arcos  
Nos dons por certo liberal se mostra,  
Quando o seu arco oferece: julga e pasma!

E o arco empunha! outro não foi como ele!  
Artífice de nome em seus labores  
Mais de um ano gastara em fabricai-o.  
As pontas levemente recurvadas  
Cabeças de bicéfala serpente  
Figuravam, – iguais no peso e forma:  
Melhor que nenhum outro equilibrado,  
Lavrados os desenhos com tal arte,  
Que sem tirar-lhe a força, mais flexível,  
Mais pesado o tornavam com mais graça.

Do pejado carcás tira uma seta,  
Na corda a ajeita, – o arco entesa e curva,  
Atira, – soa a corda, a flecha voa  
Com silvos de serpente. Sobre a copa  
Duma árvore frondosa descansava  
Há pouco um cenembi, – flechado agora  
Despenha-se no rio, sopra iroso,

A cortante serrilha embora erríça,  
Com a dura cauda embora açoita as águas;  
A corrente o conduz, e em breve trato  
O hastil da flecha sobrenada a prumo.

Pudera Jurecei, alçando o braço,  
Poupar ação tão baixa àqueles bosques,  
Onde os guerreiros de Itajuba imperam.  
Imóvel, mudo contemplou o rio  
Se chofre o cenembi cair flechado,  
Lutar com a morte, ensanguentando as águas,  
Desaparecer, – a voz por fim levanta:

Ó rei das selvas, Gurupema, escuta:  
Tu, que medroso em face de Itajuba  
Não ousaras tocar o pó que o vento  
Nas folhas dos seus bosques deposita;  
Senhor das selvas, que de longe o insultas,  
Por que me vês aqui cozinho e fraco,  
Fraco e sem armas, onde armado imperas;  
Senhor das selvas (que antes flecha acesa  
Sobre os tetos houvestes arrojado,  
Onde as mulheres tens e os filhos caros),  
Nunca miraste um alvo mais funesto  
Nem tiro mais fatal vibraste nunca.  
Com lágrimas de sangue hás de chorá-lo,  
Maldizendo o lugar, o ensejo, o dia,  
O braço, a força, o ânimo, o conselho  
Do delito infeliz que vai perder-te!  
Eu, sozinho entre os teus que me rodeiam,  
Sem armas, entre as armas que descubro,  
Sem medo, entre os medrosos que me cercam,  
Em tanta solidão seguro e ousado,  
Rosto a rosto contigo, e no teu campo.  
Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,  
Que és vil, que és fraco!

### Sibilante flecha

Rompe da turva-multa e crava o braço  
Do ousado Jurecei, que inda falava.

É seguro entre vós guerreiro inerme,  
E mais seguro o mensageiro estranho!  
Disse com riso mofador nos lábios.  
Aceito o arco, ó chefe, e a treda flecha,  
Que vos hei de tornar, ultriz da ofensa  
Infame, que Aimorés nunca sonharam!  
Ide, correi, quem cós impede a marcha?  
Vingai esta corrente, não mui longe  
Os Timbiras estão! – Voltai da empresa  
Com este feito heroico rematado;  
Fugi, se vos apraz; fugi, cobarde!  
Vida por gota pagareis meu sangue;  
Por onde quer que fordes de fugida  
Vai o fero Itajuba perseguir-vos  
Por água ou terra, ou campos, ou florestas;  
Tremei!...

E como o raio em noite escura  
Cegou, desapareceu! De timorato  
Procura Gurupema o autor do crime,  
E autor lhe não descobre; inquire... embalde!  
Ninguém foi, ninguém sabe, e todos viram.



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)